



Pesquisa de Cidades Inclusivas

Enfrentando a Crise: Recessão Persistente, Inflação Crescente, e a Força de Trabalho Informal

Resumo do relatório por Zoe Elena Horn
Janeiro 2011

*O que temos que fazer -
É que o mundo reconheça
que todos os trabalhadores
em todas as etapas do
processo de produção são
parte integral da indústria
e da economia.*

*~ Ela Bhatt, fundadora do
Sindicato das Mulheres
Autônomas da Índia (SEWA)*



Agradecimentos

Zoe Horn, a coordenadora deste estudo, agradece os seguintes parceiros institucionais pelo seu trabalho árduo e colaboração: Asiye eTafuleni, AVINA, Federação de Vendedores Ambulantes de Lima (FEDEVAL); HomeNet Indonésia; HomeNet Tailândia; HomeNet Paquistão; Aliança Nacional de Vendedores Ambulantes e Comerciantes Informais do Quênia (KENASVIT); Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat (KKPKP); e Sindicato para o Setor Informal de Malawi (MUFIS). Em particular, obrigada as seguintes pessoas pela suas contribuições específicas para a realização deste relatório: Anjali Awade, Laila Azhar, Edgard Bermudez, Junyaya Buasorn, Poornima Chikarmane, Mwanda Chiwambala, Richard Dobson, Sunisa Duang-ngern, Manuel Sulca Escalante, Marcial Buillermo Perez Herrera, Pat Horn, Elaine Jones, Boonsom Namsomboon, Patrick Ndlovu, Lakshmi Narayan, Duannapha Panyawong, Carmen Roca, Gonzalo Roque, Manali Shah, Daniel S. Stephanus, Cecilia Susiloretno, Poonsap Tulaphan, Kruawan Sondhikhun, Evalyne Wanyama, and Phumzile Xulu.

O estudo foi iniciado e coordenado pelas Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO) como parte de seu papel de coordenação de pesquisa dentro do projeto Cidades Inclusivas. Um agradecimento sincero a Equipe Técnica de Assessoria de estudo, cuja orientação, ajuda e sabedoria tornou este estudo possível: Marty Chen, Rhonda Douglas, James Heintz, Melanie Samson, Shalini Sinha, e Caroline Skinner.

Este relatório não seria possível sem a participação de 219 mulheres e homens em nove países que dividiram generosamente suas experiências com nossos pesquisadores. O coordenador e parceiros do projeto estão profundamente agradecidos a eles pelo seu tempo, suas contribuições, e sua franqueza.

Sobre Cidades Inclusivas

Lançado em 2008, o projeto Cidades Inclusivas pretende fortalecer as organizações de base de trabalhadores pobres nas áreas de organização, análise política e advocacy, a fim de garantir que os trabalhadores informais urbanos tenham as ferramentas necessárias para se fazer ouvir nos processos de planejamento urbano. Cidades Inclusivas é uma colaboração entre organizações de base de trabalhadores pobres, alianças internacionais de organizações de base e aqueles que apoiam o trabalho de organizações de base. Os seguintes parceiros são parte do projeto Cidades Inclusivas: Asiye eTafuleni (África do Sul), AVINA (América Latina), HomeNet Asia do Sul, HomeNet Sudeste Asiático, Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat (KKPKP, Índia), Rede Latino-Americana e Caribenha de Catadores, Sindicato de Mulheres Autônomas da Índia (SEWA), Street-Net Internacional e Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO). Para mais informação, acesse o site do projeto: www.inclusivecities.org.

Fotografia da capa: Gerald Botha. Camelô trabalhando em Durban, África do Sul.

Resumo Executivo	2
Introdução	3
Metodologia	5
<i>Parceiros de Pesquisa e Amostra</i>	5
<i>Ferramentas de Pesquisa</i>	7
<i>Forças, Limitações e Influências</i>	8
A Economia Informal: Recessão ou Recuperação?	9
<i>Demanda e Consumo</i>	10
<i>Concorrência</i>	12
<i>Custos de Investimentos</i>	14
<i>Valores dos Preços por Peças e Recicláveis</i>	16
<i>Lucros</i>	18
A Força do Trabalho Informal:	
Impactos e Estratégias de Enfrentamento	19
<i>Trabalhadores Domiciliares</i>	20
<i>Produtores subcontratados</i>	20
<i>Produtores autônomos</i>	21
<i>Vendedores Ambulantes</i>	22
<i>Catadores de Recicláveis</i>	23
Impactos no Lar e Estratégias de Enfrentamento	24
<i>Os Padrões Familiares de Gasto e Endividamento</i>	25
<i>Trabalho Não Remunerado</i>	26
Resposta à Informalidade:	
Em Direção a uma Postura Pós-Crise	27
<i>Respostas para uma Recuperação Sustentável</i>	27
<i>Ajuda de emergência</i>	28
<i>Medidas de trabalho</i>	29
<i>Proteção social</i>	31
<i>Olhando Adiante – Um Novo Enfoque Político para a Informalidade</i>	32
Conclusão	34
Bibliografia	35
<i>Apêndice 1– Amostra da Investigação_ por Setor, Região, Gênero e Idade</i>	37
<i>Apêndice 2– Roteiro para a Entrevista Individual</i>	38
<i>Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista para os Grupos Focais</i>	41
<i>Apêndice 4 – Índice de Preços de Materiais Recicláveis</i>	
<i>Compostos, 2009-2010</i>	44
<i>Apêndice 5 – Perspectivas Econômicas e Trabalhistas</i>	45

Resumo Executivo

Em 2009, pesquisadores de 14 localidades urbanas em 10 países da África, Ásia e América Latina conduziram entrevistas individuais e de grupo focais para investigar o impacto da crise econômica em trabalhadores em três segmentos da economia informal: trabalho domiciliar, comércio ambulante e catadores. A pesquisa descobriu que havia efeitos negativos significantes, incluindo a diminuição de demanda, aumento da concorrência dentro dos grupos estudados, bem como acesso limitado às medidas de emergência ou recuperação pelos participantes. O estudo concluiu que a economia informal não deveria ser vista simplesmente como um amortecedor para os trabalhadores formais despedidos durante a crise, mas que os impactos das tendências econômicas mundiais e os eventos desde o início da crise sobre os trabalhadores informais e empreendimentos informais também precisa ser compreendido e abordado.

Em 2010, pesquisadores conduziram uma segunda fase de pesquisas em 13 localidades de nove países principalmente (embora não exclusivamente) com a mesma amostra, para avaliar se haviam sinais de recuperação para os trabalhadores participantes.

Apesar de alguns avanços positivos, a Segunda Fase de pesquisa sugere um atraso na recuperação para os trabalhadores informais neste estudo. A persistência de desemprego e subemprego na economia informal continua conduzindo novos participantes no trabalho informal. Alguns entrevistados relataram demanda mais forte para seus produtos e serviços, mas muitos continuam enfrentando baixos níveis de vendas ou pedidos. Os rendimentos aumentaram para alguns trabalhadores em tempo integral nos níveis de meados de 2009, mas não nos níveis prévios à crise e ao ritmo de aumento dos custos de vida. A persistência de uma alta inflação – afetando os preços de comida e combustível em particular – intensificaram a pressão no orçamento familiar. Entrevistados continuam a restringir a alimentação da família. O abandono escolar, não comum na primeira fase de estudo, parece ter aumentado.

Catadores de Recicláveis: Na primeira Fase, catadores de recicláveis vivenciaram a maior diminuição na demanda e nos preços de vendas. Desde então, no nível industrial, preços para materiais recuperados parecem ter melhorado amplamente, mas a maioria dos catadores no começo de 2010 relatou preços e volumes mais baixos de resíduos acessíveis que no ano anterior.

Trabalhadores domiciliares: Na Primeira Fase, trabalhadores subcontratados e autônomos que produzem para a cadeia global de valor informaram anteriormente uma grande diminuição nos pedidos de trabalho e venda. No começo de 2010, trabalhadores subcontratados relataram alguma recuperação no volume de pedidos de trabalho devido a uma demanda mais forte. Isto não foi acompanhado por nenhum aumento no preço pago por peça, apesar do aumento da inflação em muitas localidades de estudo e da evidência de preços mais altos para os trabalhadores formais em fábricas próximas. Trabalhadores autônomos produzindo principalmente para as cadeias nacionais de valor vivenciaram alguma recuperação na demanda, menos que aqueles que produzem para mercados mundiais.

Vendedores Ambulantes: Na Primeira Fase, vendedores ambulantes relataram uma queda significantiva na demanda de consumidores. No começo de 2010, a demanda ainda não havia se recuperado para a maioria dos vendedores, muitos haviam aumentado seus preços devido ao custo mais elevado das mercadorias. A competitividade dos novos participantes e dos grandes comerciantes, que abordaram os clientes de forma agressiva durante a crise, também aumentou.

Foi pedido aos entrevistados para identificar e dar prioridade às intervenções que apoiariam sua subsistência. Medidas de curto prazo não foram consideradas prioritárias; já que os entrevistados optaram pelo apoio às suas atividades contínuas de subsistência. Isto incluía acesso ao serviço financeiro, capacitação profissional e análise de mercado e acesso. A proteção salarial, melhoramentos no local de trabalho e uma série de medidas de proteção social foram identificados como intervenções prioritárias também.

Especificamente, vendedores ambulantes relataram que precisam de um lugar seguro, em um bom local de venda, bem como acesso a empréstimos com taxa de juros baixa. Trabalhadores Domiciliares indicaram a demanda por taxas mais baixas de serviço público e maior inclusão em planos de seguro social. Catadores de recicláveis disseram que eles precisam de maior acesso a resíduos recicláveis e incorporação aos sistemas de gestão de resíduos sólidos.

Muitos participantes já estavam vivendo em um estado de crise, lutando diariamente para alimentar suas famílias.

A crise econômica mundial trouxe novos desafios aos participantes, mas também exacerbou problemas já existentes. Muitos participantes já estavam vivendo em um estado de crise, lutando diariamente para alimentar suas famílias. Interpretações prévias à crise, entretanto, não devem ser aplicadas no presente ou no futuro, porque a permanência da situação atual para a maioria dos trabalhadores informais perpetuará a pobreza e a desigualdade. Este relatório argumenta pela adoção de uma nova postura sobre a informalidade que coloque os trabalhadores informais no centro das políticas trabalhistas e das medidas de proteção social, e que os inclua na política econômica e no planejamento urbano. Sem um enfoque inclusivo na política econômica e social que integre os trabalhadores informais, a pobreza, a vulnerabilidade, e a desigualdade persistirão.

Introdução

No começo de 2009 os parceiros do projeto Cidades Inclusivas, coordenado pelas Mulheres no Emprego Informal: Globalizando e Organizando (WIEGO), iniciaram um estudo para investigar os impactos da crise econômica mundial em localidades urbanas da África, Ásia, e América Latina. A primeira fase da pesquisa permitiu uma rápida avaliação dos efeitos da crise nos trabalhadores em 14 locais, entre para três segmentos da economia informal: trabalho domiciliar, comércio ambulante e catadores. O primeiro relatório, *Sem almofadas para amenizar o tombo: A Crise Econômica Global e os Trabalhadores Informais*¹ (agosto de 2009) desautorizou a noção difundida que a economia informal² escapou dos duros impactos durante a crise. Os resultados confirmaram que as empresas de laescapou de duros impactos durante a crise. Os resultados confirmaram que as empresas informais e os trabalhadores assalariados do estudo foram afetados pela crise várias vezes e das mesmas formas que empresas e trabalhadores assalariados formais o foram. Somando-se à

diminuição da demanda, os participantes enfrentaram o aumento da concorrência de novos participantes no emprego informal; os participantes também tiveram pouco acesso às proteções sociais e econômicas. Pesquisa adicional na Ásia³ reforçou a evidência de que, embora a economia informal tivesse dado algumas oportunidades aos trabalhadores despedidos da economia formal, os ganhos foram limitados e as condições de trabalho foram difíceis. A economia informal não se constitui, como alguns haviam afirmado⁴, num amortecedor para aqueles afetados pela crise – tanto para os novos participantes quanto para os trabalhadores informais tradicionais. Além disso, os trabalhadores informais tradicionais não têm um amortecedor para a queda já que foram contemplados por poucas medidas de auxílio de emergência ou de recuperação econômica.



Participantes, segurando o primeiro relatório do estudo, “Sem almofadas para amenizar o tombo”, em Blantyre, Malawi. Foto: Mwan-da Chiwambala

Depois que governos e os contribuintes gastaram bilhões de dólares para resgatar os bancos “grandes demais para cair”, a indústria financeira mundial registrou altos lucros em 2009 e 2010⁵, levando alguns observadores a concluir que a recuperação da economia mundial logo se seguiria.

1 Ver Horn, 2009.

2 A economia informal é definida como todas as unidades econômicas que não estão regularizadas pelo estado e pessoas economicamente ativas que não recebem proteção social pelo seu trabalho. Ver: OIT, 2002 p.15.

3 Entrevistas de grupo focal adicionais foram conduzidas em Malang (Indonésia), Ahmedabad (Índia), Sialkot (Paquistão) e Chiang Mai (Tailândia). Esse trabalho foi solicitado pelo Banco de Desenvolvimento Asiático antes da Conferência Regional de Alto Nível de toda Ásia na crise.

4 Patrick Barta, “The Rise of the Underground,” *The Wall Street Journal*, 14 de março de 2009.

5 Os rendimentos de investimento bancário Mundial para 2010 coincidem com os níveis dinâmicos registrados em 2009. Veja Slater, 16 de março de 2010.

Apesar do ainda modesto crescimento econômico⁶, a recuperação tem sido desigual e fraca para a maioria da força de trabalho mundial. Até 2010, o desemprego no mundo havia aumentado sem precedentes para 34 milhões de trabalhadores desde 2007, enquanto emprego vulnerável (definido como trabalhadores por conta própria e membros contribuintes da família) havia aumentado até 110 milhões desde 2008 (OIT 2010). E tais cifras ainda podem falhar para captar todo o alcance do desemprego e do subemprego.⁷

As cifras no emprego vulnerável excluem trabalhadores assalariados informais e trabalhadores industriais e nos informa pouco sobre a profundidade e complexidade do impacto da recessão no emprego informal, ou os desafios colocados pelo desemprego formal para a recuperação do emprego informal.

Além disso, conquanto a crise econômica mundial tenha trazido novos desafios aos participantes, ela também exacerbou problemas já existentes. Muitos participantes já estavam vivendo em um estado de crise, lutando diariamente para alimentar suas famílias. Globalização e Privatização contribuíram para erosão das relações trabalhistas. A falta de estabilidade na política interna, os padrões climáticos extremos e os efeitos persistentes da crise de alimentos e combustível tem afetado grupos diferentes de trabalhadores em locais diferentes e em diversos graus. Entrevistados foram freqüentemente incapazes de distinguir entre os impactos dessas forças nas suas vidas. Também tiveram dificuldades em estabelecer temporalidades para algumas de suas observações. Conseqüentemente, atribuir uma relação de causalidade tem sido um desafio.



Vendedores de rua do parceiro do estudo FEDEVAL se reúnem em Lima, Peru. Fonte: FEDEVAL

A primeira fase se esforçou para identificar os impactos mais fortes das tendências econômicas mundiais e eventos desde o começo da crise no interior e através dos grupos de trabalhadores informais. A segunda fase visou seguir essas tendências, monitorando a mudança e identificando novas tendências crescentes entre as fases de pesquisa.

O emprego na economia informal é caracterizado pelo controle limitado sobre as condições de emprego, insegurança, acesso limitado às proteções sociais, ou educação formal ou treinamento e inexistência de salários mínimo (Kucera e Roncolato, 2008). As conclusões da segunda fase de estudo sugeriram que as condições de emprego pioraram para muitos entrevistados no estudo apesar da chamada “recuperação econômica mundial.” Apesar de alguns sinais (des-

iguais) de recuperação entre os diferentes grupos ocupacionais neste estudo, muitos entrevistados ainda encaram diminuição de demanda, preços flutuantes, e aumento competitivo.

O pensamento político prevalente antes da crise não pode continuar a ser aplicado. Até agora, as respostas do governo têm evitado aplicar uma política de intervenção de longo prazo em favor dos pobres dando prioridade prover dinamos de curto prazo às grandes empresas e ao setor financeiro.

Este relatório propôs um número de políticas para ajudar a abordar as vulnerabilidades dos trabalhadores informais e minimizar o impacto da crise sobre eles. As medidas de emergência, políticas de emprego e proteção social discutidas são baseadas em recomendações priorizadas pelos entrevistados no estudo. Uma nova postura sobre a informalidade deve colocar os

6 As previsões de crescimento real do PIB (ano a ano) sugerem que a economia da África Subsaariana terá crescimento de 5.0 por cento em 2010, A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN-5) crescerá 6.4 por cento, e os países Latino-Americanos (LAC) crescerão 4.8 por cento. Veja: FMI 2010.

7 Por exemplo, o governo da Indonésia registrou 65.200 demissões em agosto de 2009, mas a associação dos empregadores relatou 150.000 a 200.000 demissões, uma vez que os trabalhadores subcontratados e jornalheiros foram incluídos. Veja: Green et al, 2010.

trabalhadores informais no centro dos programas de emprego e das medidas de proteção social, e incluí-los nas políticas econômicas e no planejamento urbano. Sem um replanejamento sério e uma ação decisiva, haverá limitação na capacidade de melhorar a vulnerabilidade e desigualdade encarada pelos trabalhadores informais no mundo inteiro.

Metodologia

A primeira fase do estudo, conduzida em meados de 2009, forneceu uma rápida avaliação dos impactos no campo das tendências e eventos econômicos mundiais na economia informal desde o começo do período de crise. A Segunda Fase do estudo, conduzida no início de 2010, foi projetada para avaliar as mudanças nessas tendências, e determinar se houve sinais de recuperação entre os participantes. A pesquisa também visou examinar se houve algum atraso nos impactos da crise nos trabalhadores que não foram abordados na primeira fase.

Parceiros de Pesquisa e Amostra

A pesquisa foi conduzida pelos parceiros do projeto Cidades Inclusivas, principalmente pelas organizações de base (OBs) dos trabalhadores informais, mas também por organizações de suporte técnico que trabalham diretamente com o trabalhador pobre. Estas organizações estão posicionadas de forma singular para o enfrentamento da falta de informação em relação à crise econômica e a economia informal. A segunda fase do estudo envolveu todos os parceiros originais e uma nova organização O Sindicato de Mulheres Autônomas da Índia (SEWA) da Índia, que também está associada ao projeto Cidades Inclusivas.

A tabela 1, abaixo, representa a participação por local e segmento na segunda fase de estudo.

Tabela 1: Participação por local e segmento na segunda fase de estudo				
Parceiro de Pesquisa	País	Cidade	Nº. De Grupos Focais	Nº. de Pessoas entrevistadas⁸
Comércio Ambulante				
SEWA	Índia	Ahmedabad	1	12
StreetNet Internacional				
- KENSAVIT	Quênia	Nakuru	1	12
- MUFIS	Malawi	Blantyre	1	12
- FEDEVAL	Peru	Lima	1	12
Asiye eTafuleni	África do Sul	Durban	1	15
Trabalho Domiciliar				
<i>Autônomo</i>				
HomeNet del Sur de Asia (HAS)	Paquistão	Kasur	1	14
- HomeNet Pakistán				
HomeNet del Sudeste de Asia (HSEA)	Tailândia	Chiang Mai	1	13
- HomeNet Tailandia				
HSEA - HomeNet Tailandia	Tailândia	Hat Yai	1	10
<i>Subcontratado</i>				
HSEA - HomeNet Indonesia	Indonésia	Malang	2	7, 20
SEWA	Índia	Ahmedabad	1	12
HAS - HomeNet Pakistán	Paquistão	Sialkot	1	14
HSEA - HomeNet Tailandia	Tailândia	Bangkok	1	12
Catadores				
AVINA	Colômbia	Bogotá	2	11, 14
SEWA	Índia	Ahmedabad	1	12
Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat (KKPKP)	Índia	Pune	2	8, 9
Total			18	219

Na primeira fase de estudo, os parceiros de pesquisa e o comitê de assistência técnica escolheram lugares onde as OBs estavam presentes e tinham uma base de associados. Entre março e julho de 2009, os parceiros de estudo conduziram uma pesquisa em quatro localidades urbanas.⁹ Em agosto e setembro de 2009, os parceiros de estudo com sede na Ásia, foram comissionados pelo Banco Asiático de Desenvolvimento para conduzir quatro novos grupos focais, sendo três deles em novos centros urbanos. Os parceiros selecionaram os participantes de estudo por gênero, idade e situação trabalhista para refletir a composição dos seus associados. Em 2009, os parceiros de pesquisa coletaram informações de 164 trabalhadores informais entre março e julho, e outros 55 trabalhadores em agosto e setembro¹⁰. Estes trabalhadores informais foram escolhidos a partir de três grupos ocupacionais: Trabalho Domiciliar, Comércio Ambulante e catadores.

8 O número de pessoas entrevistadas reflete o número de participantes em cada grupo focal. Todos os participantes dos grupos focais foram entrevistados individualmente.

9 O crescimento da economia informal em países desenvolvidos está integralmente ligado a um ritmo sem precedentes de urbanização nos anos recentes. A concentração de trabalhadores informais em segmentos ocupacionais urbanos, e os desafios associados com a integração desses trabalhadores na cadeia de produção mundial, tornam os centros urbanos uma área crítica de foco para entender os impactos da crise e outros choques econômicos na força do trabalho informal.

10 Neste relatório, a amostra de 2009 irá se referir aos 219 participantes agregados, para objetivos de comparação, do original do estudo os 164 participantes e os 55 trabalhadores informais adicionais entrevistados para a extensão de estudos regionais para o Banco Asiático de Desenvolvimento em agosto de 2009.

Trabalhadores Domiciliares tipicamente têm a menor segurança e os menores ganhos entre os trabalhadores informais. A grande maioria são mulheres, que combinam trabalhos remunerados e não remunerados dentro de suas casas. Existem dois tipos de trabalhadores domiciliares. O primeiro, trabalhadores subcontratados, ou trabalhadores domiciliares industriais, dirigidos por empresas ou suas intermediárias, tipicamente com base em salários diários. O segundo, trabalhadores por conta própria, ou trabalhadores domiciliares autônomos, que produzem de maneira independente e vendem mercadorias orientadas ao mercado ou serviços em suas casas. Este estudo inclui ambos os tipos de trabalhadores domiciliares.

Vendedores Ambulantes, de uma maneira geral, incluem todas as mercadorias vendidas ou serviços em lugares públicos. A maioria dos negócios de ambulantes se caracteriza por um empreendimento de uma única pessoa que utiliza mão de obra familiar não remunerada em função de necessidade. Alguns vendem em barracas montadas, enquanto outros se agacham no chão ao lado de cestas ou cobertores mostrando suas mercadorias.

Catadores de Recicláveis ganham a vida, coletando, classificando e vendendo os materiais potencialmente valiosos ou úteis jogados fora pelos outros. Eles são encontrados em quase todas as cidades de países em desenvolvimento, e coletam resíduos e utensílios domésticos, comerciais, ou das casas, ruas, vias fluviais, depósitos de lixo e contentores de resíduos.

Todos os lugares estudados na Primeira Fase foram estudados novamente na Segunda Fase no início de 2010, com exceção de Santiago, Chile (onde o estudo foi suspenso devido ao grande terremoto no final de fevereiro). Solicitou-se aos parceiros de pesquisa que visitassem novamente os mesmos trabalhadores informais no início de 2010. No total, os pesquisadores foram capazes de acompanhar 107 trabalhadores da amostra original. Onde os participantes foram incapazes de serem entrevistados novamente, os parceiros de pesquisa selecionaram novos participantes compartilhando o mesmo perfil demográfico e emprego. O tamanho final da amostra para a Segunda Fase foi de 219, incluindo 102 trabalhadores domiciliares, 63 vendedores ambulantes e 54 catadores de recicláveis. Na Segunda Fase dois terços dos trabalhadores domiciliares entrevistados foram empregados como produtores subcontratados, enquanto um terço era autônomo. Isto é quase idêntico à distribuição dos trabalhadores domiciliares na primeira fase. As amostras da Segunda Fase incluem 37 trabalhadores informais latinos americanos, 39 africanos e 143 asiáticos: isto representa uma ligeira mudança geográfica deslocando-se da América Latina (já que as entrevistas não foram possíveis no Chile) em direção a Ásia (com a adição das entrevistas feitas pela SEWA na Índia).

A maioria das amostras em todos os três segmentos de ambas as fases eram mulheres. Isto aumentou ligeiramente na Segunda Fase para 82 por cento, já que mais mulheres do que homens participaram da Segunda Fase. A média de idade dos entrevistados foi de 41 anos em ambas as fases, com a média mais velha encontrada entre os vendedores ambulantes. Para uma comparação mais detalhada de amostras entre a Primeira Fase e a Segunda, veja o apêndice 1.

Um dos pontos fortes desta pesquisa é que as conclusões e recomendações vêm diretamente das observações dos trabalhadores informais.

Ferramentas de Pesquisa

Em ambas as fases, os pesquisadores usaram os mesmos métodos de pesquisa: discussões de grupo focal, questionário de estudo, e entrevistas com informantes chaves. As ferramentas de pesquisa em ambas as fases foram desenhadas para avaliar as mudanças na demanda, preços, e competição nos três segmentos da economia informal, mudanças na situação de emprego dos trabalhadores individuais, e mudanças no consumo nacional. Antes da Segunda Fase, as ferramentas de pesquisa foram atualizadas baseadas nas descobertas da Primeira Fase e os desenvolvimentos na crise para entender melhor as dinâmicas de mudança.

Na segunda fase de estudo, 15 grupos focais foram repetidos a partir de 2009 enquanto o novo parceiro de estudo, a SEWA conduziu três grupos focais adicionais – um com cada grupo de trabalhador. A tabela 1 descreve os 18 grupos focais por local e participação. Cada grupo focal se constituiu de discussões semi estruturadas com trabalhadores, designados a seguir as questões colocadas para os trabalhadores na primeira fase da pesquisa. Como foi o caso em 2009, cada grupo focal foi composto de 6 a 14 trabalhadores. Em todos os casos exceto entrevistados em Bangkok, Bogotá, e os produtores de calçados em Malang, os trabalhadores no grupo focal foram os mesmos participantes na Primeira Fase de estudo.

Além dos grupos focais, entrevistas individuais foram conduzidas com os participantes. As entrevistas consistiam de uma série de perguntas com respostas abertas e pré-selecionadas. Os protocolos de entrevistas foram adaptados para abordar as mudanças em cada segmento, que também incluíram seções sobre modificações no trabalho e mudanças domésticas. Uma amostra genérica da entrevista individual e os protocolos do grupo focal estão no apêndice 2 e 3, respectivamente.

Entrevistas com informantes chaves foram também conduzidas com pesquisadores de campo, articuladores de trabalhadores informais, especialistas em economia informal, e com os proprietários/operadores de empresas informais e cooperativas. Estas entrevistas foram conduzidas pessoalmente e por telefone. Entrevistados foram perguntados uma série de questões destinadas a entender melhor as respostas das discussões do grupo focal e dos questionários, mas também para descobrir a informação não captada pelos outros dois métodos

Forças, Limitações e Influências

Um dos pontos fortes desta pesquisa é que as conclusões e recomendações vêm diretamente das observações dos trabalhadores informais. Em muitos casos, as mesmas pessoas foram entrevistadas em dois momentos ao longo do curso de estudo. Conclusões foram fortalecidas ainda mais usando os mesmos protocolos de entrevista dentro de cada grupo ocupacional entre os múltiplos centros urbanos – 15 no total.

A participação das OBs como parceiros de pesquisa foi fundamental. O seu conhecimento de relacionamento com os trabalhadores locais informais foi fundamental para manter a participação do estudo ao longo do tempo. A familiaridade ajudou a mitigar o ceticismo entre os participantes e lidar com os temas sensíveis nas entrevistas. OBs foram também bem situadas para prover clareza e navegar pelas complexidades desta pesquisa altamente contextual. Para os desenvolvedores planejadores do estudo, as contribuições das OBs como parceiros de pesquisa é uma característica distintiva em termos de estudos que abordam os impactos da crise econômica mundial.



Catadores de lixo informais do parceiro do estudo KKPKP participam de um grupo focal em Pune, na Índia. Foto: Maitreyi Shankar

ambulantes e catadores de recicláveis provavelmente enfrentam vulnerabilidades e desafios similares e os desafios, mas estes são mediados por especificidades locais.

As estão também limitadas pela dificuldade de atribuição de causa durante o período de crise. A crise econômica mundial trouxe novos desafios aos participantes, mas também exacerbou problemas existentes. Trabalhadores foram frequentemente incapazes de distinguir entre os impactos de várias forças nas suas vidas e tinham dificuldade de estabelecer temporalidades para algumas de suas observações. Enquanto a Primeira Fase se esforçou para identificar as tendências mais fortes entre os participantes do estudo, a Segunda Fase apontou para mudança entres os períodos de pesquisa.

As limitações do estudo referem-se ao tamanho e distribuição da amostra. Como está claro na tabela 1, a amostra de estudo é pequena. O número total de entrevistas em qualquer localidade não é maior que 25, e geralmente entre 10 a 12. Além disso, existem influências (*bias*) regionais. Por exemplo, entrevistas com trabalhadores domiciliares foram conduzidas exclusivamente na Ásia, enquanto que a maioria dos vendedores ambulantes foi entrevistada na África. Embora confiante que as conclusões desse estudo são verdadeiras para aqueles entrevistados, este relatório não pretende que as conclusões sejam verdadeiras para todos os trabalhadores domiciliares, vendedores ambulantes e catadores de recicláveis na economia informal. Mas essas conclusões são indicativas. Muitos outros trabalhadores domiciliares, comerciantes

A maioria dos participantes neste estudo são membros das OBs. Os trabalhadores organizados estão frequentemente em melhor situação que os trabalhadores sem organização. Através de suas associações e redes, eles podem ter melhor acesso a recursos e suporte; mesmo durante “bons tempos” o seu trabalho pode ser mais visível no contexto local, eles podem ter maior capacidade de negociação com seus empregadores, e eles podem ter informações melhores e acesso a serviços das suas OBs ou governo (HomeNet Tailândia, 2002). Esta influência sugere que os participantes do estudo lidariam melhor que muitos trabalhadores informais durante “tempos ruins”. Isto também pode significar que entrevistados tiveram um melhor conhecimento dos desafios enfrentados pelo seu grupo ocupacional como um todo, e pudessem estar inclinados a dar fornecer informações em excesso. Para neutralizar isso, entrevistadores e líderes de grupos focais enfatizaram aos participantes que eles deveriam tentar distinguir entre suas próprias experiências e observações gerais.

A Economia Informal: Recessão ou Recuperação?

A Primeira Fase da pesquisa mostrou que os entrevistados estavam sendo afetados durante a crise econômica das mesmas formas dos trabalhadores formais. Trabalhadores sofreram diretamente e indiretamente com a diminuição de demanda, encolhimento do consumo, e volatilidade dos preços. Eles também encararam o aumento da concorrência já que mais trabalhadores entraram na economia informal. Entretanto, os impactos diferem em gênero e grau entre grupos de trabalhadores. Os catadores de recicláveis do estudo vivenciaram as maiores quedas na demanda e preços de venda já que os preços de resíduos industriais caíram durante a crise, que começou já em outubro de 2008. Produtores domiciliares trabalhando para cadeias globais de valor vivenciaram uma queda maior nos seus pedidos de trabalho, enquanto alguns trabalhadores produzindo para cadeia nacional vivenciaram mais estabilidade. Trabalhadores domiciliares autônomos orientados em direção a mercados locais reduziram seus preços para evitar a competitividade intensa. Os vendedores ambulantes participantes relataram uma queda significativa na demanda do consumidor local, e o maior aumento na concorrência de novos participantes.



Trabalhadora domiciliar autônoma em casa em Kasur, Paquistão, fazendo cortinas tradicionais, ou chiks. Foto: Azhar Laila

mos relataram uma contínua diminuição de demanda. Compradores locais continuam a comprar menos – e comprar menos com mais frequência – que antes da crise, e as vendas relacionadas ao turismo não se recuperaram. Enquanto os trabalhadores subcontratados relatam frequentemente um aumento no número e volume de pedidos de trabalho, os preços por peças não aumentaram na primeira e na segunda fase do estudo. Vendedores ambulantes vivenciaram nem um aumento nem uma diminuição na concorrência de novos participantes.

As conclusões da Segunda Fase sugerem que a recuperação tem sido fraca e desigual entre os grupos de trabalhadores desde meados de 2009. A maioria dos participantes ainda está vivenciando os impactos da recessão, sobretudo a contínua pressão da concorrência. Poucos dos novos participantes empurrados para a economia informal pela crise parecem ter retornado à economia formal. Mesmo que a economia se recupere, as demissões e as medidas de austeridade dentro da economia formal persistem, empurrando mais pessoas para o trabalho informal. Na Segunda Fase, catadores de recicláveis relataram alguma recuperação nos preços que eles recebiam pelas mercadorias recicladas, mas os preços, bem como o volume de resíduos disponíveis, permanecem abaixo dos níveis prévios a crise. Trabalhadores domiciliares autô-

Demanda e Consumo

Estimativas recentes mundiais sugerem que o volume do comércio mundial se recuperou em 2010 depois que as importações reais mundiais caíram mais de 30 por cento nos últimos trimestres de 2008 e no primeiro trimestre de 2009 (FMI 2010).¹¹ As conclusões da Segunda Fase a partir desse estudo sugerem que alguns trabalhadores informais também estão vendo volumes mais altos de comércio. Entre produtores domiciliares, quase metade dos subcontratantes relataram um aumento no número de pedidos recebidos desde meados de 2009 e 40 por cento relataram tamanhos maiores de pedidos. Entre novembro de 2009 e fevereiro de 2010, os produtores de calçados em Malang na Indonésia não receberam pedidos dos seus subcontratantes. Eles foram informados de quedas dramáticas na exportação de pedidos de marcas internacionais produzidas na empresa do subcontratante. A Indonésia é um “fornecedor estratégico”¹² na indústria mundial de fabricação de roupas e quando a demanda começou a aumentar no final de 2009, os contratos das empresas foram honrados e os pedidos começaram a chegar da Europa e da América do Norte. Mas os trabalhadores subcontratados não receberam pedidos até março de 2010.¹³

A recuperação tem sido mais lenta – ou não existente – em outros segmentos e locais. Os trabalhadores na confecção de roupas em Ahmedabad, Índia, produzindo para mercados locais e regionais, relataram que não houve mudança significativa na demanda nos meses anteriores. Nem tampouco os produtores de raquetes de badminton em Malang cuja produção varia de acordo com os padrões de recreação sazonal nos mercados regionais e nacionais. A tabela 2 representa o mercado onde os produtos são vendidos; a tabela 3 representa a direção de mudança na demanda relatada pelos grupos de trabalhadores domiciliares na Segunda Fase.

País	Estrutura de Emprego/ Produto	Mercado de Exportação	Mercado Nacional	Mercado Regional Local
Índia	Subcontratado - Vestimentas	✓	✓	✓
Indonésia	Subcontratado - Raquetes de badminton Subcontratado - Calçados	✓	✓	✓
Tailândia	Subcontratado - Vestimentas Autônomo - Processamento de Comida Autônomo - Vestimentas Autônomos - Brinquedos de madeira	✓	✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓ ✓
Pakistão	Subcontratado - Bolas de Futebol Autônomo - Chicks (Bambu e esteiras) Autônomo - Cordas	✓ ✓	✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓

	Número de clientes			Número de compras		
	Menos	Igual	Mais	Menos	Igual	Mais
Autônomos; n°= 34	34%	52%	14%	52%	23%	26%
	Número de pedidos			Tamanho dos pedidos		
	Menos	Igual	Mais	Menos	Igual	Mais
Subcontratado; n°= 68	27%	27%	46%	27%	33%	39%

Enquanto a demanda em alguns mercados de exportação se fortaleceu, a demanda nacional pareceu menos estável para produtores neste estudo.

11 Estimativas do setor privado baseadas no Índice de Produção de Manufaturados Mundial do JP Morgan sugere que o crescimento retornou ao setor de fabricação mundial até meados de 2009. Estas mesmas estimativas sugerem que, em média, o emprego no setor de fabricação em países desenvolvidos diminuiu 6.1 por cento de 2008 a 2009, e 0.1 por cento do segundo trimestre de 2009 ao primeiro trimestre de 2010. Veja: Zeballos and Garry 2010, p. 2.

12 A indústria têxtil e de confecção de roupas consolidou sua produção em um grupo de fornecedores estratégicos – China, Vietnam e Indonésia – que constituem o “núcleo interno crítico” os quais os clientes confiam para a parte mais importante da sua produção. Veja: Green et al., 2010 p.16.

13 Entrevista com *Mitra Wanita Pekerja Rumahan* Indonésia (MWPRI), Coordenadora Nacional de HomeNet Indonésia em Belo Horizonte, Brasil em 21 de abril de 2010.

Enquanto a demanda em alguns mercados de exportação se fortaleceu, a demanda nacional pareceu menos estável para produtores neste estudo. Produtores de brinquedos autônomos na Tailândia relataram um aumento na demanda para suas mercadorias exportadas. Enquanto os pedidos do exterior eram escassos para a temporada de férias de 2008, o período entre novembro e dezembro de 2009 vivenciou um número de pedidos maior que a média, vindos dos Estados Unidos e da Europa. Pedidos internacionais de março a maio de 2010 foram também mais altos que nos anos anteriores, constituindo pedidos adiantados para a temporada de férias de 2011. Durante a pausa sazonal nos pedidos do exterior (setembro/outubro), os fabricantes de brinquedos usualmente focam nos mercados nacionais, particularmente aqueles com populações turísticas tais como Phuket, Suratthani, Hua Hin e Bangkok. Durante 2009, a demanda nacional para os brinquedos caiu ligeiramente. Os trabalhadores atribuíram à situação econômica instável do país e o mercado turístico, os distúrbios políticos nacionais e instabilidade econômica no exterior. Um líder do grupo de produção explicou, “Costumávamos enviar nossos produtos para o mercado de fim de semana de Jatuchak toda semana, agora nós enviamos os produtos para lá a cada duas semanas”¹⁴. Outro fabricante de brinquedo relatou que o Chiang Mai Night Bazaar, um dos destinos de compra mais procurados do país, registrou as vendas mais baixas para seus produtos em dez anos. Produtores de alimentos para mercados no Hat Yai ecoaram preocupações sobre a queda local na economia turística. No geral, relataram uma diminuição nos clientes desde meados de 2009 e diziam que os clientes estavam comprando menos durante as transações.¹⁵

Nas cidades indianas de Puna e Ahmedabad, e em Bogotá na Colômbia, catadores de recicláveis ainda encontram volumes reduzidos de resíduos recicláveis nos lugares comuns de sua coleta. Em Ahmedabad e Bogotá, o volume relatado da coleta diária foi, em média, 50 por cento menos do que foi em junho/julho de 2009.¹⁶ Catadores de recicláveis de Puna contratados para coletar em um parque tecnológico¹⁷ também relataram redução de volumes de resíduos em meados de 2009 mas ainda mais baixo que no início de 2009 enquanto que os catadores que recolhem de porta-em-porta relatou um quadro misto, com muitos entrevistados dizendo que o volume se manteve estável desde meados de 2009, mas ainda menor do que no início de 2009. Não houve relato de recuperação no volume de resíduos de alta qualidade¹⁸ disponíveis entre as duas fases de estudo. Entrevistados atribuíram três fatores ao volume mais baixo de resíduos: um aumento na concorrência de pessoas pelo resíduo, a desaceleração da indústria entre fontes importantes de resíduo tais como fábricas locais, e a privatização de rotas de coleta municipal.

Em diferentes locais, catadores de recicláveis continuaram a relatar casos de interferência nas suas atividades de coleta. Em Bogotá, administradores de construção e funcionários continuam a requeerer pagamentos dos recicladores pela oportunidade de remover os resíduos em áreas comerciais e prédios não atendidos pela coleta oficial da cidade. Um entrevistador perguntou: “Por que eles estão vendendo isso? Por que eles não nos tratam da mesma forma [que os garis da cidade]?”¹⁹ Em 2009, a Comissão Municipal de Ahmedabad (AMC) contratou uma empreiteira para os serviços de reciclagem. Seus veículos coletam os resíduos duas vezes por dia em rotas tradicionalmente exploradas pelos catadores de recicláveis informais, e os entregam para um depósito de lixo de alta segurança fora da cidade. Isto levou a uma diminuição nos resíduos disponíveis em geral, e notavelmente, reduziu o acesso aos resíduos no depósito.²⁰

Na Segunda Fase, a proporção de vendedores ambulantes que relatou uma diminuição nas suas vendas foi significativamente maior que na Primeira Fase. Um número de vendedores ambulantes atribuiu essa queda na venda à alta persistência de desemprego e às dificuldades econômicas entre moradores locais. Como um vendedor no Mercado de Besters em Durban, África do Sul explicou: “Alguns dos nossos clientes perderam seu trabalho. Se um cliente perdeu seu trabalho,

“Costumávamos enviar nossos produtos para o mercado de fim de semana de Jatuchak toda semana, agora nós enviamos os produtos para lá a cada duas semanas”

14 Trabalhadoras autônomas entrevistadas em Chiang Mai, Tailândia no dia 6 de maio de 2010.

15 Entrevista de grupo focal em Hat Yai, Tailândia no dia 20 de abril de 2010.

16 Representantes de cooperativas de reciclagem informais e empresas no Brasil e Porto Rico também relataram essa diminuição de volume durante as entrevistas sobre as tendências de reciclagem durante o mesmo período. Entrevistas com o administrador geral da PT GC Reciclaje Inc.e ativista de papel reciclado em Belo Horizonte, Brasil no dia 19 de abril de 2010 e no dia 20 de abril de 2010, respectivamente.

17 Um parque tecnológico é um conjunto de imóveis das pequenas e médias empresas baseadas em conhecimento.

18 Isso se refere a materiais que os participantes julgam particularmente lucrativos. A qualquer hora, isso pode variar localmente, baseados nas preferências dos compradores de resíduos e as necessidades das indústrias. Embora houvesse variações através dos locais de estudos, a maioria dos participantes consistentemente identificou papel branco e estanho como “alto valor” durante o estudo.

19 Catadoras de resíduos entrevistadas em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

20 Entrevista de grupo focal em Ahmedabad na Índia no dia 23 de fevereiro de 2010.

eles serão incapazes de comprar de mim.”²¹ Antes da crise, muitos já estavam lutando para competir com centros comerciais e outros vendedores formais. Em Lima no Peru vendedores relataram que grandes orçamentos de propaganda, acesso a mercadorias baratas via importação direta, e incentivos tais como desconto e cartão de crédito promovem o acesso aos centros comerciais entre os clientes à procura de melhores ofertas.

Durante o período de crise, os municípios continuaram a promover negócios para os comerciantes formais sem fornecer apoio similar aos vendedores informais. Um novo centro comercial apoiado pelo Município de Durban/eThekwiní abriu em outubro de 2009 a menos de um quilômetro do melhor lugar de comércio de Besters. Desde então poucos clientes freqüentam as lojas de Besters – mas não simplesmente porque eles escolheram comprar em outro lugar. Muitos foram desviados pela realocação dos serviços essenciais locais – o principal ponto de taxi regional e um escritório de coleta de pensão – no novo centro comercial. Os vendedores de Besters são barrados pela segurança de vender seus produtos perto do centro comercial. Os vendedores ambulantes em Besters sentem que a prefeitura está inibindo a sua capacidade de competir durante a crise. “Não é tanto a recessão o problema agora,” disse um vendedor. “Nós sabemos que o governo permite estes centros comerciais aqui. Eles não estão olhando para os pobres, mas para os ricos.”²² Em Lima, vendedores expulsos das áreas comerciais foram orientados a vender nos “conos” (favelas ao redor de Lima), onde não existiam negócios e vendedores “apenas olham um para o outro e não ganham o suficiente para o dia.”²³

Concorrência

Na Segunda Fase, entrevistados relataram um aumento da concorrência vinda dos novos trabalhadores informais durante os seis meses anteriores. A tabela 4 representa a proporção de entrevistados no seu segmento de trabalho de meados de 2009 ao início de 2010. Seis de cada dez entrevistados relataram um aumento no número de trabalhadores operando no seu segmento. Estas proporções foram particularmente altas entre os vendedores ambulantes e os catadores de recicláveis. Três quartos desses entrevistados relataram que o aumento da concorrência resultou em uma diminuição de ganhos.

Tabela 4: Os participantes relatam a entrada no mercado de novos trabalhadores entre meados de 2009 ao início de 2010

	Mais trabalhadores	Gênero dos novos trabalhadores		
		Feminino	Feminino & Masculino	Masculino
Trabalhadores Domiciliares; n°=102	41%	20%	63%	17%
Vendedores Ambulantes; n°=62	85%	69%	19%	12%
Catadores de Recicláveis; n°=54	65%	64%	19%	17%
Todos; n°=218	60%	54%	31%	15%

Além disso, as conclusões sugerem que aqueles que entraram nos segmentos nas primeiras etapas da crise não retornaram ao emprego formal, enquanto que o número de novatos por segmentos e locais continuou a aumentar. Tanto na Segunda Fase, como na Primeira, demissões nas empresas formais locais foram identificadas como os principais motivos para a entrada de novatos²⁴, mas na Segunda Fase uma proporção maior de participantes também identificou o aumento do custo de vida como condutor de novas participações. Em ambos os Continentes, Ásia e África, alguns entrevistados identificaram recém formados, incluindo seus próprios filhos, entre os novatos.

21 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

22 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

23 Vendedor entrevistado em Lima no Peru no dia 22 de março de 2010.

24 Na Tailândia, o emprego formal diminuiu para 110.000 trabalhadores entre fevereiro de 2008 e 2009 enquanto o número de trabalhadores por conta própria e trabalhadores de família contribuintes aumentou para 566.000 durante o mesmo período. As cifras do estudo da força do trabalho do Escritório de Estatística Nacional da Tailândia. Fonte: Huynh et al. 2010.



Vendedores ambulantes no trabalho em Nakuru, no Quênia. Fonte: KE-NASVIT

Para agravar a perda dos clientes no mercado de Besters para o novo centro comercial e devido à redução de pessoal das fábricas próximas, como descrito acima, o número de vendedores na área aumentou durante 2009. Os vendedores em Besters não são organizados e não têm mecanismos formais para controlar o número de vendedores na sua área comercial. Vendedores ambulantes em Lima, no Peru estão competindo agora com imigrantes do interior do país, onde o desemprego aumentou. Os novatos aumentaram a concorrência, mas eles também estão vulneráveis e desprotegidos no seu novo ambiente. Um vendedor em Lima disse, “A venda ambulante é um emprego precário, especialmente para os novatos. Eles não conhecem o mercado... não podem sobreviver.”²⁵

Na Primeira Fase, metade dos catadores de recicláveis entrevistados relatou um aumento de novatos no setor, mas na Segunda Fase isso subiu para 65 por cento. Este foi o maior aumento relatado entre a Primeira e a Segunda Fase. Um catador de reciclável em Bogotá na Colômbia explicou, “Reciclamos uma caçamba de lixo que já foi reciclada por 15 ou 20 pessoas.”²⁶ Mesmo em Puna na Índia, onde os catadores de recicláveis trabalham dentro das áreas designadas por contrato, mais trabalhadores relataram a entrada de novos catadores de recicláveis na Segunda Fase que na Primeira. Participantes na Índia explicaram que os novatos eram destreinados e trabalhavam de forma menos sistemática, criando desordens ao longo das rotas. Em Bogotá, entrevistados relataram que os empregados formais – contratados pela cidade – classificam e vendem os recicláveis ao invés de levá-los aos pontos de coleta como o depósito de resíduos. Estes funcionários públicos municipais comprometem os rendimentos dos recicladores informais, que trabalham frequentemente na mesma rota ou em pontos de coleta. Este fenômeno não é característico apenas do período de crise ou a algum lugar da pesquisa, não obstante os participantes sentiram que houve um aumento nesta atividade durante o período de crise.

Os trabalhadores domiciliares trabalham frequentemente em relativo isolamento, tornando difícil avaliar as variações no número de trabalhadores domiciliares. Os trabalhadores domiciliares neste estudo, entretanto, associados com outros trabalhadores domiciliares através de suas próprias organizações podem fornecer estimativas dos novos participantes. Os trabalhadores domiciliares subcontratados não sentiram uma mudança significativa no emprego entre a primeira e segunda fase. Entre os fabricantes de calçados e de raquete de badminton em Malang, Indonésia, a produção se elevou depois de meados de 2009, mas não deu lugar a novos trabalhos, sejam formais ou informais. Isto acontece porque os subcontratantes não contrataram novos trabalhadores, mas preferencialmente utilizaram pessoas contratadas conhecidas para cumprir com os pedidos.²⁷ Em parte isso ocorre porque a produção domiciliar envolve muita habilidade, o que torna difícil para novatos entrar rapidamente ou serem contratados no segmento. É provável que qualquer novo fabricante subcontratado tenha sido empregado da empresa subcontratante ou de empresas próximas envolvidas em produção similar. Trabalhadores domiciliares em Sialkot no Paquistão relataram que a Copa do Mundo de 2010 não criou muitas oportunidades de emprego para costureiras de bola de futebol.²⁸ Ao contrário, eles notaram que as oportunidades de emprego

25 Vendedor entrevistado em Lima no Peru no dia 22 de março de 2010.

26 Catadora de reciclável entrevistada em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

27 Entrevista de grupo focal em Malang na Indonésia no dia 28 de fevereiro de 2010 e no dia 4 de março de 2010.

28 Embora as empresas de Sialkot vivenciem algum aumento na demanda pelas suas bolas de futebol na corrida para a Copa do Mundo, a pressão da comunidade internacional sobre os abusos dos direitos de trabalho passados tem conduzido a poucos contratos das grandes marcas esportivas. Este ano a bola oficial da Adidas foi feita em máquinas na China. Com a grande competitividade internacional, as costureiras de bola de futebol em Sialkot viram poucas melhorias nas suas condições de trabalho na corrida para os jogos. Para mais informações ver: O Fórum dos Direitos de Trabalho Internacional, 2010 e Ebrahim, 2010.



Uma trabalhadora domiciliar sub-contratada em casa em Malang, Indonésia fabricando calçados para exportação. Foto: Cecilia Susiloretno

A tabela 4, abaixo, também mostra o gênero de novos participantes identificados por segmento. Em ambas as fases do estudo, mulheres representaram a maioria dos novatos nos segmentos analisados. Mas na Segunda Fase, poucos entrevistados relataram que os novatos eram mulheres; todos os grupos, exceto os vendedores ambulantes, relataram um aumento em novos participantes masculinos; e todos os grupos informaram a entrada de mulheres e homens no seu segmento. Embora os trabalhadores domiciliares relatassem um aumento significativamente maior de trabalhadores, o aumento foi notado principalmente pelos produtores autônomos, ao invés dos trabalhadores subcontratados.

Custos de Investimentos

Durante a crise, as pressões na taxa de câmbio desvalorizaram as moedas nacionais e impulsionaram a inflação em muitos países desenvolvidos. Por sua vez, os preços de materiais importados e mercadorias intermediadas subiram (PNUD, 2009). Os mercados mundiais de matérias-primas caíram no início da crise, embora muitos preços estejam se recuperando. Enquanto os preços de matéria-prima ainda não alcançaram os máximos do início de 2008, eles estão indo nessa direção e levando a aumentos nos custos de importação e de matéria-prima. Durante 2011, para economias emergentes e desenvolvidas, os preços dos consumidores estão projetados para subir 6,3 por cento e se espera aumentar o preço do combustível em 21,8 por cento (FMI 2010). Trabalhadores informais e empresas em países desenvolvidos não estão imunes a estes tipos de aumento nos preços. Em ambas as fases da pesquisa, participantes listaram suas três maiores despesas de trabalho e discutiram algumas mudanças nos custos durante os seis meses anteriores. A tabela 5 descreve a direção de mudança nos custos de trabalho dos entrevistados, por segmento, dos seis aos nove meses prévios a Segunda Fase.

migraram, dentro da cidade, de trabalhadores formais homens nas fábricas para trabalhadoras mulheres domiciliares e, durante a preparação para a Copa do Mundo, de volta aos trabalhadores dispostos a aceitar trabalho subcontratado das fábricas a salários mais baixos.²⁹ Entre todos os entrevistados, o grupo dos que responderam em menor proporção acerca da existência de novatos foram os trabalhadores domiciliares autônomos. Na verdade, os produtores domiciliares de alimentos em Hat Yai na Tailândia, relataram que alguns produtores abandonaram seu trabalho devido à queda no turismo – uma tendência que tem sido principalmente exacerbada pela agitação política contínua somada às despesas nacionais e internacionais restringidas nas férias.^{30 31}

29 Entrevista de grupo focal em Sialkot no Paquistão no dia 10 de abril de 2010.

30 Entrevista de grupo focal em Hat Yai na Tailândia no dia 20 de Abril de 2010.

31 Média de ocupação de hotel em 2010 foi projetada para ser de 60 por cento. O impacto da crise econômica e a instabilidade da política nacional são difíceis de desagregar – mas está claro que ambas contribuem para a queda do setor turístico. Veja: World Bank, 2010, p. 27.

Tabela 5: Participantes relatam a mudança no custo dos investimentos de meados de 2009 ao início de 2010

	Diminuição	Igual	Aumento
Trabalhadores domiciliares por conta própria; n°=31	0%	3%	97%
Trabalhadores domiciliares subcontratados; n°=58	1%	47%	51%
Vendedores ambulantes; n°=61	3%	11%	85%
Catadores de recicláveis; n°=54	24%	46%	30%
Total; n°=204	7%	30%	63%

A grande maioria dos vendedores ambulantes e trabalhadores domiciliares autônomos entrevistados relataram aumentos nos custos de investimentos. Os custos primários para os vendedores são o preço total de venda das mercadorias duráveis ou não duráveis que eles compram e então vendem. Os produtores autônomos são afetados pelo custo das matérias-primas para sua produção. Uma maioria significativa de trabalhadores de ambos os segmentos relataram um aumento no seu trabalho desde a Primeira Fase. Entre os vendedores ambulantes, o custo de suas mercadorias no ponto de compra aumentou na maioria dos lugares de estudo. Uma vendedora em Durban na África do Sul relatou que pagou 65R por caixa de bananas em meados de 2009 e 90R para a mesma caixa no início de 2010.³² Enquanto o preço das frutas e vegetais variam de acordo com as estações, durante o ano anterior à Segunda Fase o preço era mais fortemente influenciado pela alta do combustível, gás e os preços ao consumidor. Em Sialkot no Paquistão, o preço das matérias-primas (cera) bem como equipamentos (agulhas, molduras de madeira) usadas pelas costureiras de bola de futebol aumentaram. Diferente de muitos outros produtores subcontratados, as costureiras de bolas de futebol de Sialkot pagam elas mesmas pela maioria dessas matérias-primas e, portanto arcam com o custo do aumento apesar dos salários estagnados.³³ Em Kasur no Paquistão, os produtores de cortinas de bambu (conhecidos como *chik*) agora estão sendo cobrados uma taxa dos fazendeiros e proprietários de terras para colher o bambu de sua produção. Antes da crise eles podiam colher de graça, ou por um custo nominal. Muitos dos entrevistados de Kasur abandonaram a produção de cortinas entre as duas fases de estudo e citaram essa mudança como o principal fator que contribuiu para o abandono.³⁴

A maioria dos trabalhadores subcontratados não tem que pagar pelas matérias-primas, mas têm que cobrir os custos do local de trabalho, serviços, e equipamentos. A maioria dos trabalhadores domiciliares participantes, ambos subcontratados e autônomos, relatou um aumento no custo de energia elétrica. No Paquistão, a crise econômica acelerou a inflação e instigou as medidas de aumento da receita para fazer frente ao déficit orçamentário. No ano passado, produtores em Kasur e Sialkot encararam uma redução dos subsídios de energia seguidos de aumento nas tarifas de energia elétrica, por quase um total de 20 por cento até a data.³⁵ Tarifas crescentes e frequentes interrupções no fornecimento de energia tem seu custo aos trabalhadores domiciliares paquistaneses; particularmente em Kasur, onde a redução da carga criou interrupções que duraram de 8 a 10 horas no dia. Um produtor lamentou, “Na verdade políticas e ações do governo têm destruído nosso trabalho e cortado a renda familiar. Nos últimos dez meses a situação pirou cada vez mais.”³⁶

Comparado à Primeira Fase, quase metade dos catadores de recicláveis relatou que seus custos de investimentos haviam permanecido iguais. Para aqueles que relataram que os investimentos aumentaram, isso foi predominantemente devido aos altos custos de transporte. Catadores de recicláveis em Puna e Ahmedabad na Índia lutaram contra o aumento dos preços do combustível. Os seus custos de transporte aumentaram durante todo o período de estudo. Na Índia, os preços

32 Entrevista com o grupo focal em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

33 Entrevista com o grupo focal em Sialkot no Paquistão no dia 10 de abril de 2010.

34 Entrevista com o grupo focal em Kasur no Paquistão no dia 5 de abril de 2010.

35 Em novembro de 2008, o FMI aprovou um novo empréstimo para o Paquistão (Acordo de reserva) para responder às necessidades financeiras externas do país resultantes do impacto da crise mundial econômica e financeira. Para encontrar uma meta de déficit de 4.2 por cento (de 7.4 por cento do PNB) o governo do Paquistão cortou despesas de desenvolvimento, criou um imposto ao valor agregado (IVA) e reduziu os subsídios de energia. Ver: Ali, 22 de dezembro de 2009 (The Dawn).

36 Trabalhadora domiciliar autônoma entrevistada em Kasur no Paquistão no dia 5 de abril de 2010.

“Na verdade políticas e ações do governo têm destruído nosso trabalho e cortado a renda familiar. Nos últimos dez meses a situação pirou cada vez mais.”

de combustível aumentaram 12,7 por cento entre o início de 2009 e 2010.³⁷ Em Bogotá na Colômbia, catadores de recicláveis têm lutado contra um proibição oficial em relação ao uso de cavalos tradicionais ou mulas que puxam as carroças de coleta. Novos custos foram associados com a mudança para motos ou carros. Aproximadamente um quarto dos catadores de recicláveis entrevistados também relatou que seus preços diminuíram. Em quase todos os casos, isso foi atribuído à diminuição dos custos de transporte devido a volumes mais baixos de resíduos.

Valores dos Preços por Peças e Recicláveis

Apesar da recente recuperação no número e volume dos pedidos de trabalho para os trabalhadores domiciliares, os preços por peça dos produtores subcontratados no geral permanecem abaixo do nível prévio à crise. Na Segunda Fase, comparada à Primeira, mais de um terço dos produtores subcontratados foram pagos com um salário diário menor, só menos da metade não vivenciou mudança no salário diário, e só um sexto viu seu salário melhorar.

Entre as costureiras de bola de futebol em Sialkot no Paquistão, o volume de pedidos aumentou acima dos níveis prévios a crise, mas não houve aumento nos preços por peça nos 8 a 10 meses anteriores. Fazendo frente à produção barata e mecanizada da China, houve uma moratória em toda a indústria no aumento de salários antes da Copa do Mundo. Igualmente, os preços por peça relatados pelos produtores de calçados indonésios não mudaram desde o início de 2009 – eles continuaram a ganhar IDR 2.7 por par de calçado. Enquanto isso, trabalhadores de fábricas formais na mesma indústria se beneficiaram de um aumento no salário mínimo nacional como parte da resposta do governo à crise. Os seus ganhos diários aumentaram de IDR 22.400 para IDR 23.000.



Catadores de lixo informais realizado triagem dos resíduos em um centro de reciclagem em Bogotá, Colômbia. Foto: Leslie Tuttle

No início de 2008, a indústria de reciclagem mundial bateu recorde de crescimento nas taxas de processamento, empregos e receita (BIR 2010). No topo da crise, a demanda da China por materiais recicláveis diminuiu junto aos níveis de exportação. Os preços secundários de mercadoria despencaram e empresas de reciclagem estocaram e armazenaram seus recicláveis.³⁸ Na Primeira Fase, muitos catadores de recicláveis relataram que eles tinham que vender os recicláveis a preços baixos o tempo todo já que eles não tinham facilidades de estocagem. Na Segunda Fase, houve fortes indicadores de que a retração econômica nos preços das mercadorias de resíduos recicláveis estava retornando. De acordo com a Agência de Reciclagem Internacional (BIR) que rastreia os preços do Mercado através da indústria de reciclagem, preços de resíduos metálicos, de papel e plásticos reciclados, alcançaram os mínimos no início de 2009 (BIR 2010). Os preços aumentaram

Alguns trabalhadores subcontratados tentaram aumentar seus salários entre a Primeira e a Segunda Fase. Depois de uma negociação longa e difícil em 2009, os produtores de raquete de badminton em Malang na Indonésia, garantiram um aumento modesto nos seus preços por peça de IDR 2.150 para IDR 2.200 por dúzia de raquete. Em resposta, o subcontratante mudou a produção de raquetes de badminton para outros grupos de produção dispostos a trabalhar com o salário diário anterior. Eles não podiam mudar a produção de raquete, que necessita de mais habilidade, tão rapidamente ou facilmente. Sem uma capacidade de negociação mais forte e maior reconhecimento legal, trabalhadores informais permanecerão vulneráveis a tais táticas das empresas.

37 Kala & Jagota, “Inflação da Índia sobe em março,” no Wall Street Journal no dia 15 de abril de 2010.

38 Dan Levin, “Grande Mercado de reciclagem da China está inclinando,” *The New York Times* no dia 11 de março de 2009.

em meados de 2009; ao início de 2010 os preços de alguns materiais haviam se aproximado de seus níveis prévios a crise em 2008.³⁹ (veja apêndice 4).

A tabela 6 reflete as mudanças de preço para as categorias diferentes de materiais de recicláveis relatada pelos catadores entrevistados nesse estudo. As conclusões sugerem que os preços variam consideravelmente por produto e lugar

Tabela 6: Variações de preço para categorias diferentes de recicláveis reportadas pelos catadores, de meados de 2009 a princípio de 2010

Material	Bogotá, Colômbia	Pune, Índia (Infosys)	Pune, Índia (Universidade) ⁴⁰	Ahmedabad, Índia
Cartão	-2%	+9%	+11%	-42%
Papel escritório	+6%	+8%	+4%	-34%
Papel reciclado	+11%	0%	-39%	-37%
Jornal	+16%	-4%	+8%	-33%
Vidro	+12%	0%	0%	-12%
Plástico				
Moldado por sopro	+2%	+1%	+20%	-30%
Moldado por injeção	-3%	+110%	+55%	-
PET	-10%	-	-	-
Resíduos metálicos	-1%	-	-	-37%
Metal ferroso	-2%	-5%	+17%	-29%
Alumínio	-1%	-	-	-37%
Latão	-20%	-	-	-15%
Estanho	-23%	+400%	+20%	-29%
Cobre	-9%	-	-	-25%
Sacolas plásticas	-11%	-68%	+10%	-38%
Sacos plásticos de leite	+3%	+29%	+40%	-36%
Mudança média	-3%	+44% ⁴¹	+13%	-31%

Alguns catadores reportaram uma certa recuperação nos preços pagos aos recicláveis, embora esta recuperação tenha variado muito por produto e lugar.

Em Bogotá na Colômbia, um número de catadores de recicláveis relatou que os preços que eles receberam haviam aumentado desde a Primeira Fase, mas em média, os preços refletiram pouca mudança da Primeira Fase. Os catadores de recicláveis de Puna relataram que os preços se estabilizaram principalmente entre as duas fases de estudo. Depois de alguma queda na primeira metade de 2009, no início de 2010 os preços relatados pelos catadores de recicláveis em Puna na Índia, foram quase os mesmos ou ligeiramente melhores que em janeiro de 2009. A tabela 6 sugere que os entrevistados de Puna trabalhando para Infosys vivenciaram um salto importante na média de mudança dos preços entre a Primeira e a Segunda Fase; entretanto esse número é distorcido pela inclusão do aumento maciço no preço registrado para o estanho. Se o estanho for excluído, a média de aumento cai para 8 por cento.

39 Informantes-chaves entrevistados das cooperativas de reciclagem e das organizações no Brasil e Porto Rico também notaram que os preços dos resíduos trazidos ao mercado no início de 2010 eram próximos aos prévios à crise. (Entrevistas individuais com a especialista do setor de resíduos da WIEGO, ativista da reciclagem de papel, e gerente geral do PT GC Recicla Inc em Belo Horizonte no Brasil do dia 20 ao dia 23 de abril de 2010.)

40 No estudo, um grupo de catadores de recicláveis de Puna coleta resíduos de um provedor de software, Infosys, em um parque tecnológico em Puna. O segundo grupo de catadores presta serviço à Universidade de Puna, sob um contrato formal entre KKPKP/SWaCH e a Universidade.

41 Este número está distorcido pela inclusão do aumento maciço no preço registrado para o estanho. Se o estanho for excluído, a média de mudança cai para 8%.

Os catadores de recicláveis em Ahmedabad na Índia relataram que os preços caíram em uma média de 30 por cento em meados de 2009. Comerciantes de recicláveis em geral possuem preços melhores para materiais em grande escala, e os entrevistados relataram uma diminuição substancial no volume de recicláveis coletados devido à atual privatização dos serviços de coleta municipal de Ahmedabad. A Segunda Fase do estudo também coincidiu com a época de chuva em muitos locais de estudo. Muitos compradores de resíduos recicláveis pagam menos por resíduos molhados. Em Ahmedabad, um catador de reciclável comentou sobre a época de chuva, “Se vendemos dez quilos de recicláveis, o comprador nos paga um valor equivalente a três quilos.”⁴² Muitos também relataram uma diminuição substancial no volume de recicláveis coletados devido ao atual processo de privatização dos serviços de coleta de resíduos municipais de Ahmedabad. Vários catadores de recicláveis de Ahmedabad expressaram preocupação com os intermediários, os quais eles sentem que ainda estão sofrendo também pelos preços afetados pela crise. Dada sua dependência aos intermediários da reciclagem para a compra de seu material, a capacidade de compra dos recicláveis é um motivo de grave preocupação para os catadores de recicláveis. Em geral, entre as duas fases do estudo, o fechamento de depósitos de recicláveis diminuiu em todos os quatro locais onde os catadores de recicláveis foram entrevistados. Na Segunda Fase, aproximadamente metade dos catadores (15 por cento) relataram o fechamento de um depósito onde eles vendem reciclável.

Lucros

A tabela 7 resume as mudanças relatadas nos níveis de lucro. Ela revela que apenas menos de um terço de todos os entrevistados relatou um aumento modesto nos ganhos entre as duas fases de estudo. A incidência mais alta de aumento nos ganhos relatada foi entre os trabalhadores domiciliares, particularmente os subcontratados. Lucros mais altos foram em grande parte devido a um aumento no número e/ou tamanho do contrato de pedidos relatado por muitos subcontratados, já que os preços por peça estavam estagnados e os custos de energia elétrica aumentaram para muitos participantes. Um grupo de produtores autônomos disse que teve os mesmos ou poucos clientes entre as duas Fases, e muitos disseram que estes clientes estavam comprando menos a cada vez. Preços mais altos associados a matérias-primas também causaram impacto nos lucros dos produtores autônomos.

Apenas menos de um terço de todos os entrevistados relatou um aumento modesto nos ganhos.

Tabela 7: Participantes relatam as mudanças nos níveis de lucro, em meados de 2009 ao início de 2010

	Aumentou	Igual	Diminuiu
Trabalhadores domiciliares; n°=97	38%	24%	38%
Autônomos; n°=34	29%	24%	47%
Subcontratados; n°=63	43%	24%	33%
Vendedores Ambulantes; n°=63	22%	16%	62%
Catadores de Recicláveis; n°=54	24%	11%	65%
Total; n°=214	30%	18%	52%

Menos de um quarto de vendedores ambulantes relatou um aumento modesto em ganhos em grande parte devido a um aumento nos preços que eles cobraram pelas mercadorias vendidas. Mas a maioria dos vendedores ambulantes ainda registrou perdas na Segunda Fase. Os trabalhadores atribuíram essa diminuição a um aumento persistente na competitividade, uma pequena melhoria observada no poder aquisitivo dos seus clientes e um aumento nos preços dos itens duráveis e não duráveis em estoque. Os vendedores ambulantes do Peru sentiram que seus ganhos diminuíram aproximadamente 40 por cento entre as duas fases do estudo.

Apesar dos constantes volumes baixos de resíduos disponíveis, o aumento de preços elevou os ganhos semanais de muitos catadores de recicláveis; quase um quarto relatou que seus ganhos foram maiores na Segunda Fase que na Primeira. Para muitos participantes, maiores preços para os recicláveis foram um alívio, mas esses preços ainda não retornaram às taxas que eles recebiam em janeiro de 2009. Os lucros também foram travados pelos altos custos do combustível para o

42 Catadora de reciclável entrevistada em Ahmedabad na Índia no dia 23 de fevereiro de 2010.

transporte de resíduos. Os catadores de recicláveis em Ahmedabad relataram a queda mais notável nos lucros entre os períodos de estudo – a privatização de suas rotas tradicionais de coleta reduziu de forma severa sua habilidade de coletar volumes lucrativos de recicláveis.

A Força do Trabalho Informal: Impactos e Estratégias de Enfrentamento

A questão central na Segunda Fase de estudo foi se havia sinais de recuperação entre os segmentos informais do estudo e os trabalhadores. Mas medir a recuperação no emprego informal é mais complicado que medir nos trabalhos formais ou uma diminuição da taxa de desemprego. Isto acontece porque aqueles que têm trabalhado sempre na economia informal continuarão fazendo isso durante a crise. Medir a profundidade e amplitude do subemprego na economia informal é mais difícil que medir o desemprego aberto. Em parte para avaliar isso, entrevistados foram perguntados sobre novas formas de renda. A tabela 8 reflete o colapso do rendimento dos trabalhadores gerado fora do seu trabalho informal fundamental.

Tabela 8: Colapso do rendimento dos trabalhadores fora da sua ocupação informal			
	Atuação em outro Trabalho	Novo trabalho começado desde meados de 2009	Novo Trabalho em um segmento de trabalho diferente
Trabalhadores domiciliares; n°=102	13%	11%	100%
Vendedores Ambulantes; n°=63	24%	10%	87%
Catadores de recicláveis; n°=54	7%	0%	0%
Total; n°=219	15%	8%	81%

Dos 32 (de 219) entrevistados na Segunda Fase que relataram novas fontes suplementares de renda, mais da metade (17) garantiu esse emprego nos seis meses anteriores. Vendedores ambulantes eram mais prováveis que os trabalhadores domiciliares ou catadores de recicláveis a ter fontes suplementares de renda, e isso ocorreu principalmente por causa do trabalho informal, como por exemplo, trabalho domiciliar, cuidar de crianças, e serviços de alimentação. Mas a maioria dos entrevistados não foi capaz de achar trabalho mesmo dessa qualidade. Uma vendedora na África do Sul notou: “Eu saio à procura de trabalho doméstico, mas as pessoas não têm dinheiro para pagar os trabalhadores domésticos. Estou de volta às ruas.”⁴³ Outra comentou: “Onde nós podemos procurar por trabalho esses dias? As pessoas estão sendo demitidas das fábricas e a situação está ruim por toda parte. A melhor coisa é tirar o melhor da sua situação.”⁴⁴

As conclusões da Segunda Fase sugerem que os entrevistados continuaram a procurar novas oportunidades de renda para complementar suas fontes de renda já existentes. Entretanto, poucos encontraram novas oportunidades de emprego entre meados de 2009 e início de 2010 em comparação com janeiro e junho de 2009 (que se considera amplamente o auge da crise econômica mundial).

Trabalhadores também foram perguntados se eles mudaram a sua média de horas e dias trabalhados. As conclusões são representadas nas tabelas 9 e 10, abaixo. Entre a Primeira e a Segunda fase, aproximadamente a metade dos entrevistados aumentou suas horas trabalhadas por dia enquanto a maioria trabalhou o mesmo número de dias por semana.

43 Vendedora Entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

44 Vendedora Entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

Tabela 9: Mudança na direção do tempo trabalhado, de meados de 2009 ao início de 2010

	Horas trabalhadas			Dias trabalhados		
	Mais	Igual	Menos	Mais	Igual	Menos
Trabalhadores domiciliares; n°=102	50%	25%	25%	34%	59%	7%
Vendedores Ambulantes; n°=63	51%	33%	16%	10%	76%	14%
Catadores de Recicláveis; n°=29	48%	7%	45%	0%	100%	0%
Total; n°=194	50%	25%	25%	21%	71%	8%

Tabela 10: Mudanças na média de horas e dias trabalhados de meados de 2009 ao início de 2010

	Média de Horas trabalhadas			Média de Dias trabalhados		
	Início de 2010	Meados de 2009	Mudança	Início de 2010	Meados de 2009	Mudança
Trabalhadores domiciliares; n°=102	7.5	6.7	0.8	5.8	5.0	0.8
Vendedores Ambulantes; n°=63	10.2	9.5	0.7	6.2	6.3	-0.2
Catadores de recicláveis; n°=29 ⁴⁵	8.6	7.9	0.6	6.4	6.4	0.0
Total; n°=194	8.5	7.8	0.7	6.0	5.6	0.4

Como está claro nas tabelas acima, existem diferenças significantivas por grupo de trabalhador. O que se segue é um relato dessas e de outras mudanças por grupo de trabalhador.

Trabalhadores Domiciliares

Um terço de todos os trabalhadores domiciliares relatou que trabalham mais dias por semana. Em média, no início de 2010, os produtores domiciliares estavam trabalhando quase uma hora a mais por dia e quase um dia a mais por semana em relação a meados de 2009.⁴⁶ Para entender melhor essas e outras mudanças entre os trabalhadores domiciliares, é necessário fazer a distinção entre trabalhadores autônomos e domiciliares.

Produtores subcontratados

Na Primeira Fase, aproximadamente metade dos produtores subcontratados trabalhou menos horas por dia e menos dias por semana que nos seis meses anteriores. No início de 2010, mais da metade dos participantes subcontratados relataram trabalhar mais horas por dia e aproximadamente metade relatou trabalhar mais dias por semana. Isso aconteceu principalmente devido à recuperação nos contratos ou pedidos de trabalho. Os fabricantes de raquetes de badminton em Malang na Indonésia relataram quase nenhum dia de trabalho de julho de 2009 a fevereiro de 2010. Em março de 2010, houve um forte retorno nos pedidos dos subcontratantes. Na Segunda Fase, no início de março de 2010, muitos fabricantes de raquete estavam trabalhando aproximadamente o mesmo número de horas que trabalhavam em 2009. Os produtores de calçados também vivenciaram um retorno nos contratos, e relataram um aumento similar nas suas horas trabalhadas. Por outro lado, as costureiras de bola de futebol em Sialkot no Paquistão relataram um aumento nos contratos, mas não nas horas trabalhadas e somente um ligeiro aumento nos dias trabalhados. Em Ahmedabad na Índia os fabricantes de roupas relataram uma ligeira diminuição nos contratos, horas mais curtas de trabalho por dia, mas o mesmo número de dias trabalhados por semana.

Todos os trabalhadores subcontratados nesse estudo trabalham por preços por peça e suas rendas dependem do volume da sua produção diária ou semanal o que, por sua vez, depende do número e volume dos contratos. Não é fácil para eles garantirem novos pedidos de outros subcontra-

⁴⁵ Em Bogotá, pesquisadores colombianos não forneceram dados sobre os trabalhadores individuais com respeito à mudança nas horas e nos dias de trabalho.

⁴⁶ Para maiores comparações, por segmento, da média de horas e dias trabalhados entre o início de 2009 e 2010, veja Apêndice 3.

Aproximadamente a metade dos entrevistados aumentou suas horas trabalhadas por dia enquanto a maioria trabalhou o mesmo número de dias por semana.

tantes ou contratantes. Nenhum produtor subcontratado tinha abandonado involuntariamente sua ocupação entre a Primeira e a Segunda Fase, mesmo quando seus pedidos diminuíram ou pararam completamente. Os entrevistados foram obrigados a esperar uma recuperação ao invés de iniciar uma nova linha de trabalho ou procurar fontes alternativas de contratos. Os produtores de calçados em Malang esperaram por mais de quatro meses. Em Bangkok, Tailândia e Ahmedabad, Índia, os fabricantes de roupa continuaram a produzir apesar da persistência dos baixos níveis de pedidos durante o estudo. A única mudança na produção por subcontratação foi devido a um contratante: a empresa que mudou a produção de petecas de badminton para outros trabalhadores subcontratados, como apontado acima, quando a cooperativa que produzia raquetes e petecas de badminton exigiu o salário mínimo introduzido na Indonésia.

Produtores autônomos

Na Primeira Fase, quase um terço dos produtores autônomos relatou que eles trabalhavam mais horas a cada dia, mas os mesmos dias por semana comparados aos seis meses anteriores. Na Segunda Fase, houve uma pequena mudança relatada na média de horas de trabalho diária enquanto mais do dobro de muitos dos entrevistados sentiram que suas horas haviam diminuído. Na Primeira Fase, muitos relataram que estavam produzindo volumes maiores de mercadorias e armazenando-as para vender futuramente (quando a economia melhorasse), mas poucos continuaram essa prática na Segunda Fase. Com o aumento dos custos e pouca capacidade de armazenagem, alguns entrevistados preferiram cortar a produção e aproximadamente um terço havia mudado completamente a produção. Em Kasur, Paquistão, as tradicionais cortinas de bambu chiks se tornaram não lucrativas já que o preço da matéria-prima (bambu) aumentou e os projetos antigos estavam saindo de moda. Entre a Primeira e a Segunda Fase, não houve recuperação na demanda dos compradores nacionais ou internacionais. Em resposta, na Segunda Fase, a maioria dos fabricantes de cortina em Kasur havia mudado para corda enquanto alguns tentaram fazer cortinas decorativas em



Uma trabalhadora domiciliar sub-contratada em casa em Malang, Indonésia fazendo raquetes de badminton. Foto: Cecilia Susiloretno

resposta à mudança de gostos. Na Segunda Fase, aqueles que mudaram para produção de cordas fizeram isso só por alguns meses, mas sentiram que isso gerava mais dinheiro que fabricar cortinas. Os produtores de brinquedos de madeira em Chiang Mai na Tailândia compartilharam uma história similar. Em resposta a uma queda acentuada nas encomendas no exterior durante a maior parte de 2009, eles experimentaram novos jogos e outros produtos. Muitos dos novos pedidos que eles receberam no início de 2010 são para esses novos produtos.

Nem todos os participantes autônomos foram capazes de atrair novos consumidores. Na Segunda Fase, o volume de clientes que passam nos mercados de alimentos, tanto moradores locais como turistas, ainda não tinham recuperado os níveis prévios à crise em Hat Yai no Vietnã. Embora todas as vendas de alimentos melhorassem ligeiramente durante a temporada de férias, elas logo retrocederam. A maioria dos vendedores de alimentos continuaram a gastar a mesma quantidade de tempo preparando e vendendo os alimentos, mas muitos cortaram suas horas e um passou menos dias no mercado. Na Primeira Fase, normalmente os mercados ficavam lotados com vendedores tentando ajudar a si mesmos e suas famílias através da recessão. Na Segunda Fase, havia menos vendedores de alimentos nos mercados. Simplesmente não havia demanda suficiente para sustentar todos os vendedores; alguns haviam desistido por completo da venda.

Diferentemente dos trabalhadores subcontratados, os produtores autônomos às vezes podem ajustar seus preços para atrair compradores. Inicialmente, muito poucos produtores autônomos ousaram afugentar seus clientes aumentando os preços. Na verdade, durante o primeiro semestre de 2009, a maioria aumentou seus preços para competir nos mercados lotados durante o auge da

crise. Na Segunda Fase, quase 60 por cento dos produtores autônomos venderam as mercadorias no mesmo preço da Primeira Fase, enquanto um quarto relatou que cobraram mais. Entrevistados que aumentaram seus preços, citaram a necessidade de manter a elevação dos preços para fazer inclusive um lucro modesto.

Vendedores Ambulantes

Durante os primeiros semestres de 2009, 40 por cento dos vendedores ambulantes diminuíram seus preços para ficar competitivos, enquanto 30 por cento aumentaram seus preços para manter os custos. No início de 2010, 55 por cento dos vendedores ambulantes haviam aumentado seus preços devido ao aumento na demanda dos consumidores, mas também por conta do aumento do custo das mercadorias e do trabalho.

Em cidades e países diferentes, vendedores ambulantes relataram que os preços totais de venda haviam aumentado até um ponto que tornou impossível para eles reduzirem os preços ou até mesmo manter os mesmos preços. Em resposta ao aumento dos preços totais de vendas, muitos vendedores que haviam aumentado seus preços aumentaram mais de 15 por cento.

Entretanto, alguns vendedores sentiram que o aumento de preços não era viável. Um vendedor peruano explicou: “No passado costumava vender 100 gramas de batatas fritas por 50 centavos. Agora vendo 50 gramas porque realmente não pude baixar o preço. Pudemos ver isto o ano passado, mas agora é mais grave ainda”.⁴⁷ O vendedor de Durban que costumava comprar uma caixa de bananas por 65R e que agora paga 90R disse com pesar, “Não posso aumentar meus preços... porque ainda que aumente meus preços, para quem os estou aumentando? Aqui não há clientes”.⁴⁸

A concorrência entre os vendedores, novos e velhos, também afetou os preços. Os novos vendedores frequentemente começam com a venda das mercadorias mais típicas da região. Um vendedor explicou, “Quando notam que um produto é popular entre os poucos clientes que temos, vêm e vendem o mesmo produto”.⁴⁹ Os novos vendedores também podem causar inadvertidamente conflito porque não têm conhecimento de como funciona a fixação de preços e que os preços das mercadorias podem ser fixados cooperativamente. Embora as OBs locais procurem educar os novos participantes e proporcionar estabilidade para os vendedores tradicionais, o número de recém-chegados é tão grande que é difícil chegar a todos eles. Mais lutas internas entre os vendedores foram relatadas na Segunda Fase que na Primeira. Os vendedores em Durban, África do Sul começaram a auto-regular os mercados, enquanto que os vendedores em Lima, Peru utilizaram guardas municipais – *serenazgo* – como informantes e os subornaram para obter lugares preferenciais de venda.

Entre a Primeira Fase e Segunda, alguns vendedores mudaram seus estoques ou lugares onde compravam e vendiam mercadorias. Pouco menos da metade dos vendedores ambulantes mudou as mercadorias que vendiam. Apesar de anteriormente, 40 por cento dos vendedores venderem principalmente mercadorias duráveis e 60 por cento venderem principalmente produtos perecíveis, todos os vendedores que mudaram sua mercadoria, mudaram a venda de mercadorias duráveis, ou a venda de outros tipos de mercadorias duráveis. Nenhum vendedor assumiu a venda de produtos perecíveis entre a primeira e segunda fases. As mercadorias duráveis requerem mais investimento de capital, que os produtos perecíveis mais acessíveis. Infelizmente, a vida útil menor das frutas e verduras se tornou investimento de risco, especialmente quando as vendas são inconstantes ou incertas. No primeiro semestre de 2009, a metade dos vendedores mudou sua fonte de venda em uma tentativa de encontrar novos produtos e melhores preços. Entre a Primeira Fase e Segunda, só um quarto dos vendedores havia feito isso. Alguns informaram que seus esforços anteriores para encontrar produtos mais baratos foram minimamente satisfatórios. Deixaram de buscar já que não esperavam encontrar produtos a preços mais baixos. Antes da Primeira Fase e entre a Primeira Fase e Segunda, um pouco mais de um décimo dos vendedores se mudaram dos lugares de venda. Outros vendedores consideraram fazer o mesmo, mas não estavam seguros de como isto afetaria suas rendas.

47 Vendedor entrevistado em Lima no Peru no dia 22 de março de 2010.

48 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

49 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.



Vendedores de rua vendendo os seus produtos em Lima, Peru. Fonte: FE-DEVAL

de clientes, deixaram muitos vendedores piores que estavam em meados de 2009. Em resposta, os vendedores ambulantes continuaram trabalhando seis dias por semana e trabalhando mais a cada dia, até que todas suas mercadorias fossem vendidas ou a noite chegasse. Os vendedores informaram um aumento médio de 0.7 horas trabalhadas por dia, aumentando o que já era a jornada de trabalho maior (+10 horas) entre os três grupos. Em alguns casos, a escassez de clientes fez com que os dias de trabalho mais longos fossem em vão. Alguns vendedores em Besters começaram a abandonar seus postos de venda mais cedo e um deixou de vender por completo. Como um vendedor explicou, “Nesses dias encerramos nossos trabalhos às 4 da tarde. já que não passavam clientes... antes podíamos encerrar por volta das 6 da tarde.”⁵⁰

Catadores de Recicláveis

Em resposta a diminuição dos recicláveis disponíveis, os catadores começaram a se mudar para mais longe, ampliando sua área de coleta e/ou mudando sua área de coleta. Na Primeira Fase, 20 por cento dos catadores informaram que o haviam feito; e na Segunda Fase, 30 por cento. Esta busca por recicláveis em geral teve um impacto negativo nos trabalhadores. A maioria dos catadores que buscava os recicláveis em lugares novos tinha que viajar mais longe e passar mais tempo no trânsito. Apesar de um investimento maior de tempo e dinheiro, o esforço nem sempre se traduziu em um aumento de rendimentos. Um líder de uma associação de reciclagem em Bogotá na Colômbia explicou que era seu trabalho encontrar fontes para seu grupo. “Vinte serão produtivos, mas quarenta não produzirão. Quando envio associados para a fonte e não se saem bem, ligam e dizem que preferem recorrer às ruas porque não fizeram sequer dinheiro para o ônibus”.⁵²

Durante a crise, alguns catadores recorreram à coleta de diferentes tipos de resíduos. Entre a Primeira Fase e Segunda, um pouco menos da metade dos catadores havia deixado de coletar certos tipos de recicláveis que já haviam recolhido alguma vez. Alguns materiais tornaram-se muito escassos. Os catadores em Puna na Índia explicaram que haviam deixado de coletar papel branco, toalhas de papel e cartão, pois estes materiais eram muito escassos e muito difíceis de coletar nos volumes que os tornava rentáveis. Além disso, algumas cidades haviam aprovado novos estatutos proibindo a coleta de certos tipos de resíduos. Em Ahmedabad na Índia, por exemplo, o município proibiu os catadores de coletar resíduos hospitalares tais como garrafas e seringas, reservando o direito da cidade de fazê-lo.

Na Primeira Fase, muitos catadores de recicláveis informaram que haviam estendido seus horários de trabalho para compensar a diminuição nos preços e volume de resíduos disponíveis.

50 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

51 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban na África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

52 Catador de lixo entrevistado em Bogotá, Colômbia, em 3 de Junho de 2010.

Quinze por cento dos entrevistados informaram que pelo menos um membro da família havia perdido sua fonte de renda.

Entretanto na Segunda Fase, muitos catadores estavam trabalhando menos tempo por dia,⁵³ chegando em casa mais cedo da coleta diária. Alguns também ficaram em casa por mais dias durante a semana. Em Bogotá, por exemplo, enquanto os catadores tendiam a trabalhar seis dias por semana em meados de 2009, sua no princípio de 2010 era de três dias de trabalho. Os catadores colombianos tiveram a maior incidência (entre os três grupos) de fontes secundárias de rendimentos e alguns catadores dedicavam mais tempo a estas atividades. Os catadores em Puna não continuaram trabalhando mais horas talvez porque têm contratos seguros com as rotas de coleta. Os recicladores de Ahmedabad foram a exceção: estavam trabalhando significativamente mais horas no princípio de 2010 que em meados de 2009. Também relataram a maior diminuição no volume de resíduos disponíveis durante o período do estudo.

Em conjunto, os resultados das condições de trabalho dos três grupos de trabalhadores do estudo sugerem que as estratégias de enfrentamento empregadas pelos participantes na Primeira Fase produziram resultados mistos para os participantes na Segunda Fase. Alguns trabalhadores continuaram ajustando seus sistemas de preços, trabalhando mais horas, ou mudando sua produção ou estoques. Entretanto, na Segunda Fase alguns participantes abandonaram algumas destas estratégias. Apesar de certa recuperação parcial, as oportunidades limitadas de ganhos em todos os segmentos significou que muitos participantes neste estudo haviam reduzido os recursos que tinham entre os períodos da pesquisa. Na Segunda Fase, mais entrevistados haviam reduzido suas horas trabalhadas, melhorando seus preços e mantendo o mesmo lugar de venda ou coleta de resíduos.

Impactos no Lar e Estratégias de Enfrentamento

Na Primeira Fase de estudo, a crise cobrou seu preço na economia doméstica. Com menos rendimentos procedentes, os lares tiveram que reduzir os gastos. Principalmente mediante a redução do consumo de alimentos. Na Segunda Fase, um terço dos entrevistados informou um aumento modesto nos rendimentos, ainda que não a níveis anteriores à crise. Além disso, o emprego nos lares se manteve instável, como é mostrado na Tabela 11, abaixo. Quinze por cento dos entrevistados informaram que pelo menos um membro da família havia perdido sua fonte de renda, quase um quarto relatou que pelo menos um membro do lar viu seus ganhos caírem e um quinto informou que a principal fonte de renda dentro da família havia mudado.

Tabela 11: Participantes informam a perda de renda no lar, de meados de 2009 a princípio de 2010

	Demitido(s)	Novo emprego para trabalhadores demitidos:		Renda reduzida
		Total	Trabalho no segmento informal	
Trabalhadores domiciliares; n°=101	12%	50%	83%	17%
Vendedores ambulantes; n°=63	19%	42%	40%	10%
Catadores de recicláveis; n°=51	20%	30%	67%	25%
Total; n°=219	16%	41%	64%	17%

Entretanto, o número total de lares que sofreram a perda de trabalho ou renda se reduziu a partir da Primeira Fase.⁵⁴ Quase 60 por cento dos entrevistados relataram perdas no primeiro semestre de 2009 enquanto que 30 por cento reportou perdas entre meados de 2009 e princípios de 2010. Sem uma recuperação significativa no emprego local,⁵⁵ menos da metade dos que perdeu o trabalho encontrou um trabalho novo entre as duas fases. Para os que fizeram, a maioria do trabalho foi dentro da economia informal – em geral no mesmo segmento ou comércio.

Durante o período de crise, os recursos familiares dos trabalhadores pobres, formais e informais, foram apertados. Então, para os membros do lar, o trabalho autônomo (ou mais provável infor-

⁵³ Deve-se notar que os dados de horas de trabalho não incluem os catadores de lixo de Bogotá, já que as mudanças no tempo de trabalho não foram registradas individualmente para estes trabalhadores.

⁵⁴ O tamanho médio dos lares em todos os segmentos e locais não mudou entre os períodos de pesquisa.

⁵⁵ Por exemplo, O Instituto Nacional de Estatísticas do Peru relata que a taxa de desemprego de Lima aumentou de 7.6 por cento em 2009 para 7.9 por cento em 2010 para os períodos entre agosto e outubro. Ver: INEI, 2010 p.34.

mal) pode ser uma importante estratégia de enfrentamento para mitigar as pressões de renda. O aumento de emprego vulnerável durante a crise econômica (OIT, 2010) pode refletir esta realidade, assim como as observações dos participantes do estudo de que a concorrência aumentou. A relação entre o aumento do emprego vulnerável e crescentes taxas de participação da força de trabalho causada por uma maior pressão sobre os recursos familiares teriam implicações importantes para o papel do emprego na economia informal e do bem-estar dos lares no contexto da crise. Ainda que esta informação não estivesse disponível no momento da redação deste documento, continua sendo uma importante via de pesquisa para uma melhor compreensão da informalidade como mecanismo de enfrentamento para os lares.

Na Segunda Fase, os participantes informaram que tanto os gastos de alimentos no lar como os custos da educação dos filhos tiveram que ser cortados.

Os Padrões Familiares de Gasto e Endividamento

Em ambas as fases de estudo, foi perguntado aos entrevistados como as mudanças nos rendimentos familiares haviam influenciado nos gastos do domicílio em necessidades básicas como alimentação, educação, moradia e saúde. Durante o primeiro semestre de 2009, em resposta à diminuição dos rendimentos, os domicílios informaram redução nos gastos de alimentos. Mas poucos, se nenhum, haviam retirado seus filhos da escola. Na Segunda Fase, os participantes informaram que tanto os gastos de alimentos no lar como os custos da educação dos filhos tiveram que ser cortados.

Entre a Primeira Fase e Segunda, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, o preço dos cereais, carne, laticínios e outros artigos haviam aumentado em uma média de 20 por cento em 90 países. Entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010, o “Indicador Sensível de Preços” paquistaneses (ISP) subiu quase 7 por cento.⁵⁶ Em Kasur, um trabalhador domiciliar explicou: “Mesmo que nossa renda seja maior que em julho de 2009, nossa situação econômica é pior devido ao custo de vida mais alto”.⁵⁷ No caso do Paquistão, o aumento dos preços ao consumidor foi devido em parte ao aumento da inflação e ao aumento dos custos de eletricidade após as medidas do governo em resposta a crise. Em outras localidades estudadas, as tendências globais também foram exacerbadas por fenômenos não relacionados com a crise. O norte do Quênia, por exemplo, sofreu quase cinco anos de seca contínua. A Índia sofreu a pior temporada de monções em quase 25 anos em 2009, devastando a produção agrícola. O índice de preços de alimentos aumentou 16,65 por cento entre princípios de 2009 e de 2010, alçado pelos preços do leite (17,64 por cento) e cereais (10,74 por cento).⁵⁸



Catadores de lixo em busca de material em um aterro sanitário em Pune, na Índia. Foto: Julian Luckham

Um catador colombiano explicou, “Antes você podia conseguir o café da manhã, almoço, jantar, lanche e transporte para todos por \$10 ou \$15. Agora nem sequer ganho \$50 por semana, então alguns dias comemos e outros não”.⁵⁹ Na Indonésia, que tinha os maiores sinais de recuperação, os produtores de calçados domiciliares ainda comiam principalmente arroz e cereais com tofu e tempe. Não podiam se permitir comer carne ou ovos ou, inclusive, um lanche à tarde.

Na Primeira Fase, muitos dos entrevistados disseram para os pesquisadores que, apesar dos orçamentos familiares menores, haviam feito todo o esforço possível para manter seus filhos na escola. Mas na Segunda Fase, a situação parece ter mudado: veja a Tabela 12. Dezesesseis por cento dos entrevistados informaram que haviam retirado um ou mais filhos

⁵⁶ Trabalhadora domiciliar entrevistada em Kasur no Paquistão no dia 22 de Março de 2010.

⁵⁷ O ISP é calculado sobre uma base semanal para avaliar os movimentos de preço das mercadorias fundamentais em 17 das maiores cidades do Paquistão. De acordo com a Agência Federal de Estatísticas do Paquistão (FBS) o Indicador sensível a preços (ISP) foi de 10,62 por cento em 10 de dezembro para 17,40 por cento em 11 de fevereiro. Veja: FBS, 2010.

⁵⁸ Reserve Bank of India, 2010.

⁵⁹ Catador de reciclável entrevistado em Bogotá, Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

da escola: Um pouco mais de filhas que filhos. Vários dos entrevistados explicaram que já não podiam se permitir enviar a seus filhos para a escola. Se bem que a maioria das crianças frequentasse escolas públicas gratuitas, seus pais tinham que pagar o transporte, os livros-texto, materiais escolares, uniformes e dinheiro para a merenda. Em alguns casos, as crianças foram inscritas nas escolas onde a matrícula era subsidiada, mas não gratuita. Em alguns destes casos, os pais mudaram seus filhos para escolas novas, mais em conta.

Das crianças retiradas da escola, mais da metade estavam trabalhando na época da Segunda Fase. De fato, sete das crianças foram retiradas para que pudessem ajudar suas famílias.

Tabela 12: Participantes informam deserção da escola de uma ou mais crianças, em meados de 2009 a princípio de 2010

	Uma ou mais crianças	Gênero das crianças:			Filhos trabalhando agora
		Feminino	Ambos os gêneros	Masculino	
Trabalhadores domiciliares; n°=81	19%	40%	33%	27%	67%
Vendedores ambulantes; n°=63	13%	63%	13%	25%	38%
Catadores de recicláveis; n°=46	15%	57%	0%	43%	57%
Total; n°=190	16%	50%	20%	30%	57%

Muitos destes eram filhos de trabalhadores domiciliares, os quais com frequência envolvem seus filhos em seu trabalho para ajudar a aumentar a produção. A maioria o fez de má vontade, por necessidade. Preocupavam-se com o impacto que isto causaria nas perspectivas de trabalho futuras de seus filhos. Uma vendedora de Ahmedabad na Índia, disse: “Eu sou viúva. Minha filha mais nova estava estudando na quarta série, mas com a crise teve que parar de estudar. Agora trabalha como ajudante de cozinha ganhando 5 Rúpias por dia”.⁶⁰

Durante as duas fases de estudo, foi perguntado aos entrevistados se haviam contraído empréstimo, pegado dinheiro emprestado, ou tentaram pedir dinheiro emprestado de qualquer fonte nos últimos seis a nove meses. É importante notar que a maioria dos trabalhadores da economia informal, em particular as mulheres, normalmente não tem acesso a crédito de instituições formais ou informais (ainda que das duas eles possam ter um melhor acesso a última). Neste estudo, as conclusões a respeito de empréstimos estão influenciadas pela afiliação dos participantes (ou pela sua proximidade a) segmentos mais organizados da força de trabalho na economia informal. Muitas OBs neste estudo administram seus próprios programas de crédito ou se esforçam para proporcionar a seus membros um melhor acesso ao crédito. Na Segunda Fase, pouco mais de um quarto dos entrevistados disse que na atualidade tinham um empréstimo de uma instituição financeira informal ou formal. As fontes mais comuns destes empréstimos eram suas famílias ou organizações de base (OB) as quais os entrevistados pertenciam. Não estava claro na maioria das respostas se os empréstimos foram tomados antes ou depois da crise.

Trabalho Não Remunerado

Em todos os lugares há expectativas e condicionam-se as mulheres a assumirem a responsabilidade principal pela subsistência não remunerada, pelo trabalho e cuidados do lar. Todas as trabalhadoras domiciliares na Indonésia, Índia e Paquistão informaram que estas responsabilidades, assim como normas sociais de isolamento ou modéstia das mulheres, as impedem de trabalhar fora do lar.

Aos entrevistados masculinos e femininos foi perguntado se suas tarefas no lar haviam mudado entre a Primeira Fase e Segunda do estudo: ver Tabela 13. A Tabela 13 revela que mais de um terço dos homens entrevistados informaram um aumento de seu trabalho não remunerado entre meados de 2009 e princípios de 2010, enquanto que as mulheres que responderam eram menos propensas a informar isto. Em particular, os participantes masculinos indicaram que estavam fazendo mais trabalho de cuidado e outras tarefas domésticas, ainda que quase um quinto também tenha relatado ocupar-se mais com a preparação de alimentos.

⁶⁰ Vendedora ambulante entrevistada em Ahmedabad na Índia no dia 18 de fevereiro de 2010.

Apesar das constantes mudanças nas condições de trabalho, a maioria das mulheres entrevistadas manteve níveis constantes de cuidado das crianças e mais velhos, limpeza, preparação de alimentos e outras tarefas domésticas. As cargas de trabalho não remuneradas tendem a variar com o tamanho e a composição do lar: aumentando quando houver uma criança ou um familiar novo no lar, diminuindo quando as crianças crescem ou noivas jovens se uniam a família. Poucos vendedores ambulantes e catadores informaram que passaram menos tempo no preparo de alimentos porque estavam passando mais tempo no trabalho remunerado. Entretanto, no geral, o nível de trabalho não remunerado não teve grandes flutuações à medida que os rendimentos ou dias de trabalho pagos aumentavam ou diminuam. Uma vendedora na África do Sul descreveu a carga de trabalho no lar desta maneira: “Todas estas coisas caem sobre meus ombros, sinto que me puxam para trás... não se avança.”⁶¹

Tabela 13: Mudança na direção de trabalho não remunerado, meados de 2009 a princípios de 2010 por gênero

	Cuidado de crianças e maiores		Preparação da comida		Outras tarefas	
	Mais	Igual	Mais	Igual	Mais	Igual
Feminino; n°=159	13%	80%	12%	75%	11%	75%
Masculino; n°=26	35%	65%	19%	73%	35%	58%

Resposta à Informalidade: Em Direção a uma Postura Pós-Crise

Os resultados de ambas as fases de estudo demonstraram uma clara conexão entre as dinâmicas macroeconômicas e o emprego da economia informal. Com muitos trabalhadores ainda enfrentando a crise, estas conexões devem ser consideradas quando se avançam na análise dos impactos rumo às respostas. Em diversos graus de êxito, o estímulo fiscal e as políticas monetárias de expansão têm estimulado a atividade econômica agregada e impulsionado a demanda nacional e internacional em muitos países. Na medida em que essas políticas expansionistas impulsionaram os níveis gerais de atividade econômica, os trabalhadores destacados neste estudo podem ter se beneficiado indiretamente.

Entretanto, fora desse amplo guarda-chuva de políticas gerais de expansão, os entrevistados deste estudo enfrentaram a crise econômica mundial com pouco ou nenhum apoio específico que não seja de suas famílias, comunidades e organizações locais. Alguns governos deram passos importantes para introduzir medidas específicas, algumas das quais tinham por objetivo a proteção dos pobres, a introdução de programas de ajuda de emergência para famílias e crianças vulneráveis. Estas eram medidas importantes e muito necessárias. Muitos dos entrevistados do estudo tinham conhecimento destas medidas, mas estavam preocupados com o fato de que poucas destas foram dirigidas aos pobres como trabalhadores ou agentes econômicos. Como uma vendedora explicou: “A crise afeta o desemprego, os custos são instáveis e nós não temos renda suficiente. Alguns grupos vulneráveis recebem ajuda – mães solteiras, sem capacidade, idosos, Mas o que acontece conosco?”⁶²

Mas os participantes se mantêm esperançosos de que os governos e outros agentes, apesar de tudo, aproveitarão a crise como uma oportunidade de estabelecer reformas políticas significativas em longo prazo, que irão alcançá-los e beneficiá-los.

Respostas para uma Recuperação Sustentável

A postura sobre a informalidade anterior à recessão não pode continuar sendo aplicada se há esperança de um futuro pós crise para os trabalhadores informais. Nos países em desenvolvimento, a maioria dos trabalhadores encontra-se empregado na economia informal onde, em média, os rendimentos são baixos, os riscos altos, e a proteção social e legal são muito fracas. Muitas das ameaças aos trabalhadores e a seus domicílios não surgiram apenas devido à crise econômica, mas tem suas origens em tendências e desenvolvimentos que antecedem a recessão mundial. Um retorno ao quadro anterior à crise, significará que os ganhos baixos, a insegurança e a proteção limitada persistirão para a maior parte da força de trabalho.

61 Vendedora entrevistada no Município de Besters em Durban no África do Sul no dia 3 de maio de 2010.

62 Vendedora entrevistada em Lima, Perú el 22 de marzo de 2010.

“A crise afeta o desemprego, os custos são instáveis e nós não temos renda suficiente. Alguns grupos vulneráveis recebem ajuda – mães solteiras, sem capacidade, idosos, Mas o que acontece conosco?”

Um primeiro passo importante deve ser uma série de medidas “ de não provoque prejuízo⁶³”. Em muitos países em desenvolvimento, a interpretação corrente gerou leis ou políticas que proíbem ou limitam as atividades informais. Por exemplo, no final de 2008, a Colômbia aprovou uma lei que proibia os catadores de abrirem os sacos de lixo em “lugares inapropriados” ou de transportar material em “veículos inapropriados” incluindo suas “zorras” [carroças] puxadas por cavalos ou mulas – um modo de transporte comum para muitos catadores colombianos.⁶⁴ Em Malawi, um sistema desorganizado e inconsistente de registro diário para os vendedores ambulantes resultou em pesadas multas para os participantes e outros vendedores que mal têm a capacidade de fazer face às suas despesas. Tais políticas discriminatórias ameaçam a subsistência na economia informal.

Uma nova postura sobre a informalidade deve colocar os trabalhadores da economia informal no centro de todas as políticas trabalhistas e medidas de proteção social, e incluí-los nos planos econômicos e modelos de planejamento urbano. Um crescimento econômico mais amplo não é sustentável sem o apoio e proteção para a maioria dos trabalhadores e agentes econômicos na base da pirâmide econômica. As estratégias mais eficazes deverão ter como base as habilidades e recursos já existentes dos trabalhadores, e apoiar as formas atuais de emprego informal.

Este relatório conclui com uma série de recomendações políticas desenvolvidas e priorizadas pelos trabalhadores domiciliares, vendedores ambulantes e catadores de recicláveis que participaram do estudo.

Foi pedido aos participantes do estudo que discutissem as áreas de política que poderiam ajudar a maximizar seu potencial de ganhos minimizando-se os aspectos negativos da crise. Consideraram-se políticas específicas que poderiam ser benéficas para eles mesmos e suas famílias, assim também como os prazos dentro dos quais poderia ser possível agir acerca destas questões. As recomendações políticas abaixo estão baseadas em exercícios de “ranking” e nas preferências expressas pelos trabalhadores durante suas entrevistas individuais e suas discussões nos grupos focais. Estas recomendações políticas estão agrupadas em três grandes categorias: ajuda de emergência, medidas de trabalho e proteção social.

Ajuda de emergência

Apesar da crise, as medidas de emergência em curto prazo foram de baixa prioridade entre os três grupos entrevistados no estudo. Havia o sentimento comum de que os trabalhadores da economia informal tem sobrevivido à margem de desastres econômicos durante grande parte de suas vidas. A crise econômica mundial piorou as coisas, mas ainda assim, os participantes estavam preocupados de que as medidas em curto prazo comprometessem os muito esperados investimentos no mercado de trabalho e subsistência. Alguns entrevistados haviam sido beneficiários de esforços prévios de ajuda.⁶⁵ Houveram opiniões divididas acerca da efetividade destes programas. Em geral, a ajuda prévia por parte de organizações de base de trabalhadores informais foi bem vista, pois estava projetada para abordar necessidades específicas. A SEWA, por exemplo, proporcionou kits de emergência a seus membros depois do terremoto em Gujarat.⁶⁶ Houve, entretanto, um ceticismo considerável com relação a outros provedores e os entrevistados sentiram que este tipo de ajuda geralmente era mal elaborada e mal distribuída. Como uma das vendedoras ressaltou seriamente, “Cada vez que [o Governo] fala sobre combater a pobreza, parece matar todos os pobres!”.⁶⁷ Apesar de todas estas dúvidas, muitos dos entrevistados manifestaram a necessidade de bem elaboradas medidas de emergência em três áreas: alimentos, moradia e energia.

Alimentos – Uma das áreas de maior à moderada prioridade foi o acesso a uma nutrição adequada e à provisão de alimentos (de primeira necessidade) a preços acessíveis. No Quênia, o governo tem um projeto-piloto para dar às famílias de baixa renda vales-alimentação no valor de 1500 xelins quenianos (Ksh) que podem ser intercambiados em certos mercados. Mas este programa não havia beneficiado os entrevistados de Nakuru. Por pouco tempo, eles receberam de dois a quatro quilos de milho por mês como parte de outro esforço de emergência, mas este terminou.

63 “Do no harm”

64 Catadora de recicláveis entrevistada em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

65 Trabalhadores na Ásia, por exemplo, recordaram medidas tomadas pelos seus governos para abordar os impactos do colapso econômico nos anos 90.

66 m Ahmedabad, muitas das medidas de emergência do SEWA, Sindicato das Mulheres Autônomas da Índia, nasceram em princípio como resposta da organização ao terremoto, onde a organização forneceu materiais de abrigo, alimentos, cobertores, assistência médica e água.

67 Vendedora entrevistada em Lima no Peru no dia 22 de março de 2010.

Os membros da SEWA receberam cestas de alimentos com grãos e outros artigos tais como trigo, arroz, legumes, especiarias, cebolas e sabonete durante esta crise e as anteriores.

Devido ao fato das famílias consumirem diferentes alimentos de primeira necessidade e outros produtos, deu-se preferência aos tickets alimentação⁶⁸ ao invés de cestas básicas; preços subsidiados foram os preferidos em detrimento dos tickets alimentação e a transferência de renda foi a mais valorizada. Muitos dos entrevistados disseram que contavam com pouco tempo para ir aos restaurantes populares ou para esperar em filas grandes, mesmo que estes fornecessem alimentos mais baratos. Em Lima no Peru, os vendedores ambulantes gastaram grande parte de seu dinheiro para comprar alimentos de outros vendedores ou lojas, porque lhes permitia cuidar de seus postos de venda e continuar trabalhando no mesmo lugar.

Moradia – Neste estudo, muito poucos dos entrevistados informaram despejos ou impactos significativos na sua situação habitacional.⁶⁹ Entretanto, vários entrevistados relataram aumentos recentes nos aluguéis, particularmente em Ahmadabad, Índia, mas estes aumentos deveram-se principalmente a um aumento das tarifas de serviços básicos⁷⁰ incluídas em seus aluguéis. Vários entrevistados informaram que ele, ou suas famílias, eram proprietários dos domicílios onde viviam.

Energia – Muitos dos trabalhadores domiciliares, para os quais seus lares são seus locais de trabalho, pagam os custos de eletricidade, combustível e água associados com sua produção. Os recentes cancelamentos de subsídios dos serviços básicos ou o aumento das tarifas dos serviços básicos no Paquistão e Índia somaram-se à carga de custos da produção domiciliar. No Paquistão, as tarifas pelos serviços básicos do lar duplicaram em certas áreas. O crescimento dos custos do combustível levaram ao aumento dos custos com transporte, o que afeta todas as categorias de trabalhadores, mas especialmente aqueles que trabalham como vendedores ambulantes e catadores que têm que transportar seus produtos ou resíduos todos os dias.

Medidas de trabalho

Mesmo antes da crise, empregos formais não estavam sendo criados em número suficiente para satisfazer a demanda existente. Portanto, é crucial melhorar ativos, promover os direitos, fornecer proteção e melhorar as regras de comercialização ou de emprego para a força de trabalho inserida na economia informal.⁷¹ De fato, os entrevistados no geral priorizaram as reformas políticas a longo prazo com o objetivo de reduzir sua vulnerabilidade mediante o apoio às suas atividades econômicas atuais e aos investimentos no bem estar e nos serviços sociais.

Empréstimos para atividades de trabalho – Os vendedores ambulantes e os trabalhadores domiciliares por conta própria manifestaram como sua principal prioridade o acesso aos empréstimos a juros baixos. Poucos entrevistados tiveram, alguma vez, acesso a serviços financeiros formais. As cooperativas de catadores em Bogotá na Colômbia não reuniam os requisitos necessários para receber subvenções do governo devido aos critérios severos de elegibilidade. A maioria dos vendedores no Quênia dependia de agiotas ou outras fontes informais de crédito para comprar sua mercadoria. Os entrevistados sentiam que sem serviços financeiros, não poderiam desenvolver seus empreendimentos a um nível além da subsistência. Eles queriam investir em seus empreendimentos mediante a compra de matéria prima, estoque, ferramentas e equipamentos. Em Durban na África do Sul, os vendedores ambulantes buscaram ajuda estabelecendo programas de poupança cooperativa – *stokvel*⁷² – que poderia melhorar sua elegibilidade para os empréstimos.

68 Nota da tradução: *Food Stamps*. Em alguns países há uma política de ajuda de emergência em que o governo beneficia famílias de baixa renda com uma renda específica para a compra de alimentos. Esta renda pode ser repassada tanto na forma de tickets como através da abertura de contas correntes, mas diferentemente de programas como o *Bolsa Família*, a verba recebida pelas famílias somente pode ser utilizada para a compra de alimentos.

69 Houve dois relatos de despejo, mas ambos relacionados a disputas domésticas.

70 Nota da tradução: em alguns países serviços básicos como água, gás ou eletricidade são pagos juntamente ao aluguel. Há também o uso das “*utility bills*”. Estas são faturas enviadas pelo governo que incluem num só pagamento, as tarifas relativas aos serviços de água, gás e eletricidade

71 Depois da crise econômica de 2001, A Argentina foi capaz de recuperar o crescimento, conter o desemprego e a pobreza, e trazer o equilíbrio ao seu orçamento colocando o emprego para os pobres como principal medida de recuperação. Uma maior participação no programa de transferência monetária de contingentes de trabalho, (Chefes Desempregados do Plano Orçamentário do Lar) bem como acesso melhorado aos negócios coletivos, salários mínimo e dignos, e previdência social foram a chave para ajudar no crescimento do emprego. Ver: Gerecke and Prasad, 2009 and Rofman et al., 2008.

72 Um clube de poupança onde os membros fornecem suporte econômico e social uns aos outros.

Devido ao fato das famílias consumirem diferentes alimentos de primeira necessidade e outros produtos, deu-se preferência aos tickets alimentação ao invés de cestas básicas; preços subsidiados foram os preferidos em detrimento dos tickets alimentação e a transferência de renda foi a mais valorizada.

Na Tailândia, os participantes defenderam os programas de subvenções ou fundos rotativos para segmentos ocupacionais específicos, talvez com base em um modelo novo e promissor no país.⁷³

A capacitação profissional combinada com a análise e acesso ao mercado – O conhecimento e acesso ao mercado foram de prioridade média a alta para os catadores e trabalhadores domiciliares. Na Tailândia, os produtores de brinquedos solicitaram capacitação e educação em relação aos padrões da indústria e à comercialização do produto. Durante a crise, os produtores de brinquedos perderam ganhos quando seus produtos não conseguiram satisfazer os padrões de exportação e foram apreendidos. Não estavam conscientes das mudanças nos padrões em relação ao uso de pintura sem chumbo e outras substâncias tóxicas. Os trabalhadores subcontratados também priorizaram a capacitação em produtos e técnicas com valor de exportação. A dependência de Malang, Indonésia dos produtores de calçados e raquete de badminton de seus subcontratantes os tornaram particularmente vulneráveis no pico da crise. Em resposta, a HomeNet da Indonésia desenvolveu um programa de capacitação para ensinar aos trabalhadores como fazer produtos alternativos tais como sabão. Os trabalhadores querem mais capacitações similares no futuro.

Os catadores em Ahmadabad, Índia queriam capacitação em técnicas de gestão de resíduos e o reconhecimento mediante cartões de identidade para evitar perseguições. Em Puna na Índia, a condição dos catadores melhorou depois que o sindicato local de catadores, Kagad Katch Patra Kastakari Panchayat (KKPKP), forneceu cartões de identidade e uma boa capacitação bem para seus membros.



Participantes do parceiro de estudo SEWA se envolvendo em uma discussão em grupo.
Fonte: SEWA

seus filhos. Um vendedor sugeriu: “Deveriam haver documentos que anunciem isto na televisão, documentos que expliquem como funcionam estes programas”.⁷⁵

Formalização e integração – A maioria dos vendedores ambulantes e catadores queriam registrar-se e ser integrados no ambiente regulador formal, mas manifestaram preocupação sobre a natureza do processo. Os catadores da Colômbia e Índia valorizaram sua autonomia assim como também sua associação com outros trabalhadores informais. Queriam envolver-se com os municípios mediante acordos e reuniões regulares com suas organizações de base.⁷⁶ Eles preferiram a formalização de suas organizações e atividades mais que a formalização como trabalhadores assalariados para a cidade. Tal como um catador explicou: “Queremos ser empreendedores de nosso próprio trabalho”.⁷⁷ Os catadores forneceram diferentes exemplos de serviços importantes que eles pode-

Em Bogotá na Colômbia, os entrevistados informaram que os programas de capacitação subsidiados pelo governo não estavam concebidos para nivelá-los quanto às habilidades necessárias no mercado. Um catador explicou: “Eles focalizam em seminários e capacitação, mas nunca nas oportunidades de trabalho!”⁷⁴ Os catadores demandaram que a capacitação ocorresse conjuntamente a um melhor acesso às licitações públicas e às atividades de coleta. A escolha do público-alvo também é crucial para assegurar que os programas cheguem àqueles que mais possam deles se beneficiar. No Peru, o programa Revelora Trabajador dirigiu-se aos trabalhadores pobres e por conta própria, atingidos pela crise. Apesar da tentativa, nenhum dos entrevistados pôde ter acesso ao programa para eles mesmos ou para

73 Um Tambon Um Produto (OTOP- sigla em inglês) é um programa de estímulo local que visa apoiar os produtos feitos e comercializados de cada tambon (subdistrito) tailandês. Para mais informações: www.thai-otop-city.com.

74 Catadora de reciclável entrevistada em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

75 Vendedor ambulante entrevistado em Lima no Peru no dia 22 de março de 2010.

76 Em Bogotá, por mais de dez anos, catadores de recicláveis informais foram excluídos sistematicamente dos processos de licitação apesar do fato de que eles demonstraram capacidade nos serviços de coleta municipal. Ver: Samson 2008.

77 Catador de reciclável entrevistado em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

riam fornecer para a cidade. Em Ahmadabad, Índia, foi feita a proposta de desfazer-se dos registros do governo mediante a trituração de papel no lugar de incineração. Em Puna, Índia, os catadores argumentaram que os contratos de coleta de porta em porta poderiam economizar esforço e gastos da cidade. Tal como disseram: “O governo deveria nos deixar trabalhar. Este é o modo pelo qual nós alimentamos nossas famílias, isto é o que sabemos como fazer”.⁷⁸

Proteção salarial – Os trabalhadores subcontratados estavam entusiasmados acerca da extensão e da aplicação da cobertura do salário mínimo para os trabalhadores da economia informal. Em Malang, os trabalhadores formais, diferentemente dos trabalhadores informais, receberam um aumento em seus salários mínimos como parte de um programa de incentivo do governo. O governo do Paquistão também anunciou uma melhora no salário mínimo – de 6000 a 7000 rúpias – mas sem aplicação para aqueles empregados na economia informal.

Melhoras no local de trabalho – Os vendedores ambulantes geralmente vendem em espaços que carecem de segurança e acesso aos serviços básicos como água, drenagem, eletricidade e rede de esgoto. Os vendedores em Durban demandaram infra-estrutura e serviços, incluindo a melhora dos contêineres marítimos oxidados com os quais eles comercializam atualmente. Segundo eles, uma segurança maior também atrairia mais clientes. Baseados em experiências passadas, os vendedores de todos os lugares recusaram a realocação como solução. Disseram que isto os distanciaria de seus clientes regulares e privaria os residentes locais de produtos convenientes e acessíveis.

Proteção social

Os três grupos identificaram como prioridade essencial a cobertura através de programas básicos de proteção social.

Transferências monetárias – Os três grupos priorizaram os programas de transferência monetária. Mas temiam que a condicionalidade pudesse representar um sério desafio para os trabalhadores informais. Os entrevistados trabalham dias mais longos em condições de trabalho incertas e querem evitar os custos de oportunidade associados aos períodos de tempo fora do trabalho para satisfazer determinadas condições. Sentem que as transferências monetárias incondicionais poderiam ajudá-los e às suas famílias a cobrir melhor os custos dos serviços sociais básicos como

transporte, materiais escolares e uniformes, medicamentos e tratamentos. Estes programas poderiam facilitar a combater futuros desajustes no sistema econômico, como as evidências demonstraram no caso do Brasil que generalizou o *Bolsa Família*⁷⁹ durante a crise.

Previdência social – Os trabalhadores domiciliares defenderam fortemente uma extensão dos sistemas de previdência social básica, embora os trabalhadores da economia informal de todos os segmentos se beneficiassem. As doenças e as lesões podem ter impactos desastrosos sobre os rendimentos dos trabalhadores. Os sistemas de seguro saúde específicos por segmentos foram de grande importância para os entrevistados na maioria dos lugares do estudo, inclusive onde se encontra disponível a cobertura médica universal. Na Tailândia e Índia, os par-



endedoras ambulantes na theBesters, ponto de venda em Durban, África do Sul. Foto: Xulu Phumzile

participantes informaram que as visitas a instalações públicas de saúde eram caras já que demandavam muito tempo (às vezes um dia inteiro) e os medicamentos oferecidos eram muito ineficazes ou de valor muito alto. As receitas geralmente não eram subsidiadas. Para muitos trabalhadores era mais eficaz buscar atenção médica particular e cara ou utilizar remédios caseiros. Em 2003, seguindo uma campanha por parte de KKKPK (Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat), a Corpo-

⁷⁸ Catador de reciclável entrevistado em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

⁷⁹ Para mais do programa veja Santos, 2010 e OIT, 2009.

ração Municipal de Puna aceitou criar um esquema de seguro de saúde para todos os catadores registrados nesta cidade indiana. (Chikarmane e Narayan, 2005).

Mesmo onde existe previdência social para os pobres, o problema de acesso é muito grave. Na Colômbia, os postulantes ao Sistema de Seleção de Beneficiários de Programas Sociais (SISBEN) estão classificados em camadas segundo seu nível sócio-econômico. A maioria dos subsídios sociais e os programas de saúde pública se focalizam na primeira camada, dos quais a maioria dos trabalhadores informais no estudo foi excluída, apesar de seus modestos rendimentos.

Os entrevistados querem seguro-desemprego já que sentem que este poderia ajudá-los a fazer frente à sazonalidade e insegurança de seus trabalhos. Em Ahmadabad, os trabalhadores propuseram que A Lei Nacional Indiana de Garantia do Trabalho Rural,⁸⁰ que garante a cada família elegível 100 dias de emprego com salário mínimo, se estenda às áreas urbanas. Os sistemas de pensão universal poderiam também reduzir a incidência de pobreza nesta etapa de vida, a qual leva muitos membros da sociedade, maiores de idade, a recorrer ao trabalho informal. Infelizmente, o acesso continua sendo uma barreira significativa. Os trabalhadores no Paquistão foram excluídos do Projeto (de emenda) do Tribunal de Serviços, que concedia proteções novas aos trabalhadores em relação a demissões incorretas e ao direito de levar as queixas diante dos tribunais trabalhistas.⁸¹

Educação e cuidado de crianças – A maioria dos entrevistados neste estudo vive em áreas aparentemente com educação básica gratuita. Entretanto, muitos trabalhadores ainda lutam para manter seus filhos na escola devido aos custos associados à educação tais como, transporte, alimentação e livros-texto. Sem educação, os trabalhadores temem que seus filhos não tenham acesso a empregos de maiores rendimentos no futuro. Os entrevistados deram prioridade à isenção de taxas em curto e médio prazo, prolongando os programas de alimentação escolar e de subsídios de gastos escolares tais como uniformes. Os vendedores ambulantes e catadores também se manifestaram a favor de creches de qualidade subsidiadas e programas de acompanhamento escolar fora da sala de aula. Em Lima, Peru, os trabalhadores informaram o fechamento de vários centros de cuidado infantil acessíveis que eram subsidiados pelo governo – *wawawsis* – durante a crise. Na Colômbia, o estado fornece serviços de creche subsidiados para as mães pobres, mas existem reuniões obrigatórias durante a manhã e à tarde que impedem que muitos trabalhadores utilizem estas instalações. Uma vendedora explicou: “O que não se cobra em dinheiro, se cobra em tempo”.⁸² O cuidado de crianças não foi de grande prioridade para os trabalhadores domiciliares, que conseguem supervisionar e cuidar de seus filhos enquanto trabalham.

Olhando Adiante – Um Novo Enfoque Político para a Informalidade

Na passagem de 2010 para 2011, a perspectiva econômica e de trabalho nos lugares de investigação é mista (ver Apêndice 5). Com a finalidade de assegurar o futuro êxito e a viabilidade das medidas de recuperação, os trabalhadores pobres da economia informal devem ter *validade*, ou legitimidade, como agentes econômicos e serem objeto das políticas econômicas. Os participantes de varias localidades expressaram sua frustração ao serem excluídos categoricamente das medidas orientadas à recuperação de trabalho baseadas na definição nacional ou regional de “trabalho”. Na Indonésia, a Agência Trabalhista de Malang, excluiu os trabalhadores domiciliares das medidas de incentivo, mas não os trabalhadores das fábricas envolvidos na produção dos mesmos produtos. Como explicou um trabalhador: “O governo local não nos identificou como ‘trabalhadores’, portanto não estamos protegidos”.⁸³ Os parceiros da OBM neste estudo promoveram grandes campanhas para obter uma definição inclusiva de trabalho. KENASVIT, por exemplo, patrocinou o projeto de lei para a Micro e Pequena Empresa, a qual legalizaria a venda ambulante e estenderia importantes proteções legais para os vendedores ambulantes. No momento da redação deste trabalho, o projeto de lei estava tramitando no parlamento de Quênia.

O apoio em longo prazo também requer que os trabalhadores informais sejam visíveis nas estatísticas e políticas econômicas. Pouca atenção foi dada ao impacto da crise sobre a economia

80 Esse esquema fornece garantia legal de cem dias de emprego por ano para membros adultos de famílias rurais. O emprego acontece em programas públicos de trabalho, através de trabalho manual não qualificado. Os trabalhadores recebem salário mínimo obrigatório de Rs.100 por dia.

81 “Workers’ rights.” *The Dawn*. 7 de março de 2010.

82 Catadora entrevistada em Bogotá na Colômbia no dia 3 de junho de 2010.

83 Subcontratada domiciliar entrevistada em Malang na Indonésia no dia 28 de fevereiro de 2010.

Os trabalhadores pobres da economia informal devem ter validade, ou legitimidade, como agentes econômicos e serem objeto das políticas econômicas.

informal. Os representantes das OBs deste estudo informaram que suas organizações fazem todo o possível para monitorar seus membros, mas existe a necessidade de se ter um conhecimento em grande escala e confiável sobre as condições dos trabalhadores informais. Esta informação poderia permitir que os governos e agentes implicados respondessem melhor às necessidades dos trabalhadores informais durante os tempos bons e ruins. Por exemplo, durante a crise municipal, funcionários de Lima no Peru sugeriram que os vendedores compartilhassem seus locais de venda e trabalhassem meia jornada. Os vendedores consideraram isto como evidência de que a prefeitura tinha pouco entendimento da natureza e das condições de seu trabalho.

Em Chiang Mai na Tailândia, os trabalhadores domiciliares também sugeriram que os departamentos de trabalho podiam estabelecer agências locais especificamente para os trabalhadores da economia informal. Estas agências poderiam fornecer melhores informações sobre a elegibilidade para os programas de resposta a crise, e em tempos melhores, trabalhar em colaboração com eles acerca de seus direitos legais e econômicos. Em outros grupos focais, os participantes sentiam que as autoridades locais poderiam apoiar aos trabalhadores e suas OB para fomentar a cooperação e aliviar as tensões entre os trabalhadores da economia informal (por exemplo, entre os novos participantes e os trabalhadores tradicionais), a polícia local e o resto da comunidade. A discriminação é um tema sério que afeta muitos trabalhadores informais urbanos. Os entrevistados sentiam que a perseguição da polícia estava relacionada diretamente com a falta de educação e compreensão sobre o trabalho informal. Os catadores, por exemplo, buscavam campanhas de sensibilização que pudessem informar ao público sobre o serviço público provido pelos catadores. Sentiam que isto também poderia encorajar as pessoas a lhes permitir o acesso a seus resíduos.

Finalmente, nos debates políticos atuais e do futuro, os trabalhadores querem ter uma voz nos processos de tomadas de decisões econômicas. Os trabalhadores e organizadores neste estudo sentiram que um envolvimento direto seria um elemento importante de uma estratégia posterior à crise. Os trabalhadores informais necessitam de representação nos processos políticos e têm pouca ou nenhuma presença nas instâncias de tomadas de decisões e de poder. Em Bogotá na Colômbia, os catadores queriam comitês de diversos atores interessados para poderem ser incluídos sistematicamente nos debates políticos relacionados aos seus meios de vida sustentáveis. Os trabalhadores tinham conhecimento do êxito do Movimento Nacional de Catadores/Recicladores do Brasil (MNCR), que estabeleceu um Comitê Interministerial para a Inclusão Social dos Catadores que se reúnem com os representantes do MNCR todos os meses. Também acontece uma reunião anual com o Presidente. Na África do Sul, os vendedores expressaram frustração com o fato de que os candidatos locais eleitos ainda não haviam se comprometido seriamente com seus objetivos. Eles acreditavam que o reconhecimento político faria uma diferença em sua condição social e de trabalho.

Esta crise não será a última; a lição que se deve aprender é a de minimizar a exposição e promover a capacitação para aqueles que estão na base da pirâmide Econômica

Conclusão

A crise econômica mundial trouxe novos desafios para os participantes, e também exacerbou as tendências e eventos econômicos existentes. A Primeira e a Segunda Fases deste estudo monitoraram os impactos destas tendências econômicas mundiais no período da crise. Apesar dos sinais de modesta recuperação em alguns segmentos, as conclusões da Segunda Fase indicam que existe um atraso na recuperação da economia informal. Evidências sugerem que a lenta queda do desemprego nos setores formais continua conduzindo a uma maior concorrência dentro da economia informal. Enquanto que para alguns os rendimentos aumentaram modestamente, estes não aumentaram aos níveis anteriores à crise e não seguiram o ritmo da inflação. As famílias continuam restringindo sua alimentação, ao mesmo tempo em que a retirada das crianças da escola parece estar aumentando.



Vendedoras de rua vendendo vegetais em Ahmedabad, na Índia.

Fonte: SEWA

recuperação do emprego; apoiar os trabalhadores pobres para enfrentar melhor os possíveis desajustes econômicos futuros, e promover uma fundação mais saudável e estável para a economia. Se houver uma falha na resposta à crise, um setor cada vez maior da força de trabalho mundial terminará trabalhando na economia informal onde, em média, os rendimentos são baixos, os riscos altos e as proteções são poucas. Em poucas palavras, a interpretação corrente anterior à crise não é suficiente; necessita-se de uma nova postura sobre a informalidade que satisfaça as necessidades dos trabalhadores pobres no presente e em qualquer futuro posterior à crise.

A crise econômica mundial se apresenta como uma oportunidade para se pensar de maneira diferente sobre a força de trabalho informal e reformular o processo de incorporação ou “formalização” como um processo destinado a aumentar os lucros e reduzir os riscos para os trabalhadores pobres, e não simplesmente o registro e tributação das empresas informais. Sem uma ação informada e decisiva, a pobreza e o emprego informal continuarão sendo as principais características de muitos dos países em desenvolvimento, e, portanto, maior será a volatilidade e vulnerabilidade econômica.

Esta crise não será a última; a lição que se deve aprender é a de minimizar a exposição e promover a capacitação para aqueles que estão na base da pirâmide econômica. Ao fazer isso, os governos podem melhorar as perspectivas de

Bibliografia

- Bureau of International Recycling (BIR). 2010. *World Markets for Recovered and Recycled Commodities: Time to Smile Again?* Bélgica: BIR.
- Chen, M. 2001. "Women in the Informal Sector: A Global Picture, the Global Movement". *SIAS Review*. 21(1): 71-82.
- Chikarmane, P. & L. Narayan. 2005. "*Organising the Unorganised: A Case Study of the Kagad Kach Patra Kashtakari Panchayat (Trade Union of Wastepickers)*". Consultado em 27 de novembro de 2010. www.wiego.org/program_areas/org_rep/case-kkpkp.pdf
- Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, Situação Alimentícia Mundial, 2010. "Índice de Preços dos Alimentos, FAO" Consultado em 21 de setembro de 2010. <http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesIndex/es/>
- Federal Bureau of Statistics (FBS). 2010. "*Monthly Price Indices.*" Governo do Paquistão. Acesso em 15 de maio de 2010. http://www.statpak.gov.pk/depts/fbs/statistics/price_statistics/price_statistics.html
- Gerecke, M. & N. Prasad. 2009. "*Employment-Oriented Crisis Responses: Lessons from Argentina and the Republic of Korea*". Instituto Internacional de Estudos de Trabalho, Genebra: OIT.
- Green, D., R. King & M. Miller-Dawkins. 2010. "*The Global Economic Crisis and Developing Countries: Impact and Response*". Relatório da Investigação Internacional de Oxfam, Gran Bretanha: Oxfam.
- HomeNet Tailândia (com a Agência Internacional do Trabalho, Agência da Área de Bangkok e a Equipe Assessora Multidisciplinária do Leste da Ásia), 2002. *Impact of the Economic Crisis on Homeworkers in Thailand*. Bangkok: HomeNet Tailândia.
- Horn, Z. 2009. "Sem colchão para amortecer: A crise econômica mundial e os trabalhadores da economia informal". Informe de Estudo de Cidades Inclusivas, Agosto, 2009. <http://www.inclusivocities.org/pdfs/EstudioCEG.pdf>
- Huynh, P., S. Kapsos, K.B. Kim y G. Sziracki. 2010. "*Impacts of Current Global Economic Crisis on Asia's Labor Market*". ADBI, Documento de Trabalho 243, Tokio: Instituto do Banco Asiático de Desenvolvimento. <http://www.adbi.org/working-paper/2010/08/23/4044.impacts.gec.asia.labor.market/>
- International Labour Rights Forum. 2010. *Missed the Goal for Workers: The Reality of Soccer Ball Stitchers in Pakistan, India, China and Thailand*. Washington: ILRF.
- Organização Internacional do Trabalho (OIT). 2010. *Global Employment Trends*. Genebra: OIT.
- _____. 2009. "Brasil estende o programa Bolsa Família durante a crise econômica." Comunicado de Imprensa, 20 de março de 2009. http://www.ilo.org/global/About_the_ILO/Media_and_public_information/Feature_stories/lang-en/WCMS_103947/index.htm
- _____. 2007. *Key Indicators of the Labour Market*, 5a Edition. Genebra: OIT.
- _____. 2002. *Decent Work and the Informal Economy*. Relatório da 90ª Conferência Internacional do Trabalho. Agência Internacional do Trabalho, Genebra: OIT. <http://www.ilo.org/public/english/standards/relm/ilc/ilc90/pdf/rep-vi.pdf>
- Instituto Internacional de Estudos de Trabalho (IILS). 2009. *World of Work Report 2009: The Global Jobs Crisis and Beyond*. Genebra: OIT.
- Fundo Monetário Internacional (FMI). 2010. *World Economic Outlook Update* – Outubro de 2010. Washington, D.C.: FMI.
- Instituto Nacional de Estatística e Informática (INEI). 2010. "Avance Coyuntural de la Actividad Económica No.11 – Novembro de 2010." <http://www.inei.gob.pe/web/BoletinFlotante.asp?file=11545.pdf>
- Kucera, D & L. Roncolato. 2008. "Informal Employment: Two Contested Policy Issues". *International Labour Review*, 147(4).

Medina, M. 2005. "Waste Picker Cooperatives in Developing Countries". Documento preparado para a Conferência sobre Organizações Baseadas na Sociedade dos Pobres de WIEGO/Cornell/SEWA, Ahmedabad, Índia, janeiro de 2005.

Reserve Bank of India, 2010. "Annual Policy Statement for the Year 2010-2011". Consultado em 24 de julho de 2010. <http://rbi.org.in/scripts/NotificationUser.aspx?Id=5602&Mode=0>

Rofman, R. & D. Ringold. 2008. "Os programas sociais na Argentina para o Bicentenário". Em Breve 128. Washington, D.C.: Banco Mundial.

Sabates-Wheeler, R. & Kabeer, N. 2003. "Gender Equality and the Extension of Social Protection: Extension of Social Security". Genebra: OIT

Samson, M. 2009. "Capítulo 6: Enfrentando e Intervindo na Privatização", Recusando a Ser Excluído: A Organização dos Recicladores no Mundo. Editado por Melanie Samson, 83-91. Cambridge, MA: WIEGO.

Santos, L. 2010. "Bolsa Família Programme: Economic and Social Impacts under the Perspective of the Capabilities Approach." Documento apresentado no 13º Congresso BIEN, São Paulo, Brasil, junho de 2010.

Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. 2009. *Rethinking Poverty: Report on the World Social Situation 2010*. New York: UNDAES.

Banco Mundial. 2010. "Thailand Economic Monitor June 2010". Bangkok: Banco Mundial.

Zeballos, E. J. & S. Garry. 2010. *Jobs Recovery: Sectoral Coverage*. Genebra: OIT.

Artigos de Imprensa

"Workers' rights", *The Dawn*, 7 de março de 2010. Consultado em 5 de maio de 2010. <http://news.dawn.com/wps/wcm/connect/dawn-content-library/dawn/the-newspaper/editorial/workers-rights-730>

Ali, K. "Power tariff to go up by 13.5 per cent next month", *The Dawn*, 22 de dezembro de 2009. Consultado em 30 de maio de 2010. <http://www.dawn.com/wps/wcm/connect/dawn-content-library/dawn/news/pakistan/13+electricity+prices+increased-za-08>

Barta, P. "The Rise of the Underground", *The Wall Street Journal*, 14 de março de 2009. Consultado em 6 de dezembro de 2010. <http://online.wsj.com/article/SB123698646833925567.html>

Due, P. & A. Banerji. "Greek crisis, inflation and rate hike may impact India's economic growth", *The Economic Times en The Times of India*, 28 de junho de 2010. Consultado em 14 de julho de 2010. <http://economictimes.indiatimes.com/articleshow/6098585.cms>

Ebrahim, Z. "The other side of World Cup footballs", *Asia Times Online*, 9 de julho de 2010. Consultado em 25 de novembro de 2010.

http://www.atimes.com/atimes/South_Asia/LG09Df04.html

Kala, A. & M. Jagota. "India March inflation rises", *The Wall Street Journal*, 15 de abril de 2010. Consultado em 23 de maio de 2010. http://online.wsj.com/article/NA_WSJ_PUB:SB10001424052702303950104575185391166529472.html

Levin, D. "China's big recycling market is sagging", *The New York Times*, 11 de março de 2009. Consultado em 27 de agosto de 2010. <http://www.nytimes.com/2009/03/12/business/worldbusiness/12recycle.html>

Slater, S. "Investment bank 2010 revenues seen holding up", *Reuters*, 16 de março de 2010. Consultado em 5 de junho de 2010. <http://www.reuters.com/article/idUSTRE62F29I20100316>

Apêndice 1 – Amostra da Investigação_ por Setor, Região, Gênero e Idade

Participação do estudo por números: Comparação por segmento, região e gênero				
	Segunda Fase		Segunda Fase	Primeira Fase
	Segmento	Novos		
Amostra total	107	112	219	219
Setor				
Trabalhadores domiciliares	49	53	102	114
Vendedores ambulantes	41	22	63	52
Catadores de recicláveis	17	37	54	53
Região				
África	37	2	39	40
Ásia	66	77	143	136
América Latina	4	33	37	43
Gênero				
Feminino	81%	80%	81%	79%
Masculino	19%	20%	19%	21%

Idade média entre os participantes do estudo				
	Segunda Fase		Segunda Fase	Primeira Fase
	Segmento	Novos		
Trabalhadores domiciliares	43	37	40	40
Vendedores ambulantes	45	42	44	45
Catadores de recicláveis	40	40	40	39
Total	43	39	41	41

Apêndice 2 – Roteiro para a Entrevista Individual

Entrevistador: _____

Lugar da entrevista: _____

Data: _____

1. Qual o seu nome?
2. Mudou de residência desde a entrevista? SIM / NÃO
Se sim:
 - a. Onde vive atualmente? (Inclua a cidade e a área específica da cidade).
 - b. Por que mudou sua residência?
3. Quantas pessoas moram com você atualmente?
 - a. São mais, menos, ou igual o número de pessoas que estavam morando com você na última entrevista? MAIS/IGUAL/MENOS
 - b. Se o número de pessoas vivendo com você mudou, por favor, explique a mudança.
4. Desde a última entrevista, alguma das pessoas que vivem com você, perdeu seu trabalho ou reduziu significativamente sua renda? SIM/NÃO
Se sim:
 - a. Quem reduziu sua renda significativamente e que trabalho realizava?
 - b. Quem perdeu seu emprego e que trabalho estava fazendo?
 - c. Para os que perderam seu emprego, O que estão fazendo atualmente?
5. Mudou o trabalho não remunerado que faz em sua casa nos últimos seis meses? (Para cada uma das seguintes perguntas, por favor, circule e dê uma breve explicação se responder MAIS OU MENOS)
 - a. Está cuidando MAIS/MENOS/IGUAL a crianças (menores de 16 anos) ou idosos? Por quê?
 - b. Passa MAIS/IGUAL/MENOS tempo preparando as refeições? Por quê?
 - c. Passa MAIS/IGUAL/MENOS tempo limpando ou fazendo outro trabalho não remunerado na casa? Por favor, explique que trabalho é, e por que mudou?
6. Desde a última entrevista, começou a trabalhar em algo novo além da venda ambulante, que não tenha trabalhado previamente? SIM/NÃO
 - a. Se sim, por favor descreva que outro trabalho faz.
7. Mudou seu lugar de venda desde a última entrevista? SIM/NÃO
 - a. Se sim, Por quê?
 - b. Onde vende agora?
 - c. O tempo e/ou custo de sua viagem mudaram? Por favor, nos conte se aumentaram, se mantiveram-se iguais o diminuíram.

8. Desde a última entrevista, Há mais, o mesmo ou menos número de pessoas vendendo de forma ambulante na sua área? MAIS/IGUAL/MENOS
- Se for MAIS OU MENOS
- Por que pensa que isto mudou?
 - Isto teve um impacto em sua renda? Como?
- Se for MAIS
- Os vendedores são em sua maioria homens ou mulheres?
 - O que esses vendedores estavam fazendo antes?
9. O nível de assédio recebido por parte da polícia ou outras autoridades mudou desde a última entrevista? Está assediando mais, igual, o menos?
- MAIS/IGUAL/MENOS
- Se for MAIS ou MENOS
- Por que acha que esta mudança ocorreu?
10. Desde a última entrevista, começou a vender algum tipo novo de produto ou mercadoria ou deixou de vender certos tipos de produtos ou mercadorias? SIM/NÃO
- Se a mercadoria ou produto que está vendendo mudou, por favor, explique por que, e enumere os produtos que mudaram.
 - Por favor, explique por que mudou sua mercadoria.
11. Quantas horas trabalha por dia? (Por favor, pense na sua experiência recente) _____
- Quantas horas trabalhava por dia a seis meses? (em julho) _____
 - Se seu tempo de trabalho mudou desde a última entrevista, Por que mudou?
12. Quantos dias por semana trabalha? (Por favor, pense na sua experiência recente) ____
- Quantos dias por semana trabalhava a seis meses? (em julho) _____
 - Se seus dias de trabalho mudaram desde a última entrevista, Por que mudaram?
13. Desde a última entrevista, melhorou, manteve igual ou baixou o número de vendas diárias ou semanais? AUMENTOU/IGUAL/BAIXOU
- Se AUMENTOU ou BAIXOU
- Por favor, explique a mudança nas vendas comparando a quantidade que vende agora com a quantidade que vendia no momento da última entrevista.
 - Por favor, explique por que os números de vendas mudaram.
14. Os custos de trabalho mudaram desde a última entrevista? Como e por que mudaram?
- Tem gastos diferentes? Quais são?
 - Você está pagando geralmente mais ou menos pelos seus produtos e materiais?
MAIS/MENOS
15. Desde a última entrevista, mudou o lugar onde compra os produtos/mercadorias que vende? SIM/NÃO
- Se sim:
- Por quê?
16. Quanto cobra atualmente para os principais produtos/serviços que vende? Seja específico.
- Se estes preços são maiores ou menores do que cobrava na última entrevista, por que mudou os preços que cobra?

17. Desde a última entrevista, recebeu algum dinheiro ou empréstimo por parte do governo, organização, prestamista ou pessoas em sua organização?
- De quem recebeu o dinheiro/empréstimo? Qual é o acordo?
 - Recebeu alguma vez dinheiro ou empréstimos destas fontes no passado?
18. Neste momento, quem ganha mais dinheiro na sua casa? Nome e relação com você.
- Esta pessoa era a maior fonte de renda no momento da última entrevista? SIM/NÃO
Se NÃO:
 - Por que mudou a situação?
19. Desde a última entrevista, alguma das crianças de seu lar deixou de ir para escola? SIM/NÃO
- Se sim:
- São meninos ou meninas?
 - Quantos anos têm?
 - Alguma dessas crianças está trabalhando atualmente? SIM/NÃO. Se sim, que trabalho estão realizando?
20. Em seu trabalho mais recente, quanto dinheiro leva para sua casa em uma semana boa (depois de pagar todos seus gastos de trabalho)?
21. Quanto dinheiro leva para casa em uma semana ruim?
22. Se o dinheiro que se leva para casa mudou tanto nas boas semanas como nas ruins desde a última entrevista, Quais são as razões principais da mudança?

Apêndice 3 – Roteiro de Entrevista para os Grupos Focais

Parte 1: Observações Pessoais e Gerais sobre o trabalho Tempo: 35 a 45mins.

Passaram-se seis meses desde que falamos. Pensando em nossa última discussão, você diria que é mais fácil, que não haja mudança, ou que é mais difícil fazer uma renda como vendedor ambulante na sua área? Por favor, pense nos outros vendedores ambulantes que conhece e também na sua própria vida de trabalho. Como foi este período (desde julho até agora) comparado com a primeira metade do ano (janeiro a julho de 2009)? Por favor, nos conte o que vivenciou, viu ou escutou.

Desde nossa última discussão:

- Existe mais ou menos pessoas querendo trabalhar como vendedor ambulante? Por que acha que isto acontece?
- A concorrência entre os vendedores mudou? Como isto afetou os vendedores?
- Existe alguma outra mudança na forma de trabalho, incluindo o tempo que passa no trabalho, onde trabalha, com quem trabalha ou alguma outra mudança?
- Houve alguma mudança no número de clientes que você teve desde o momento da última entrevista?
- Houve alguma mudança nos preços que está recebendo pelos seus produtos? Se houve mudanças, Que impacto isto causou na sua renda geral?
- O assédio por parte das autoridades mudou nos últimos seis meses? Por quê?
- Se sua renda baixou desde a sua última entrevista, começou a fazer outro trabalho para melhorar sua renda? Que trabalho?
- Tentou outras estratégias de trabalho para apoiar sua renda?
- Acha que as coisas vão melhorar ou piorar para os trabalhadores ambulantes no próximo ano? Por quê?

Parte 2: Observações da vida no lar Tempo: 35 a 45mins

Agora falaremos sobre como você e sua família foram afetados por qualquer mudança em seu trabalho e a economia, desde a última vez que falamos. Houve alguma mudança relacionada com sua alimentação, saúde e a de sua família, moradia, ou seus filhos e sua escolaridade?

- Você e a sua família estão comendo a mesma quantidade de comida? Estão comendo os mesmos tipos de comida? Se houve mudanças, quais são e por que as coisas mudaram?
- Mudaram seus gastos médios médicos ou de saúde desde a última entrevista? Geralmente está gastando mais, igual, ou menos em medicina e saúde? Se seu gasto mudou, por quê?
- Sua situação de moradia mudou desde a última discussão? Permita-nos saber se houve alguma mudança na possibilidade de pagar a renda, ou outros gastos de moradia.
- Se tirou algum filho (menor de 16 anos) da escola nos últimos seis meses? Por quê?
- Algum filho começou a trabalhar desde a nossa última discussão?

Parte 3: Discussão Política e Exercício de Classificação Tempo: 45 a 55mins

Falaremos sobre qualquer ação ou política que ajudou ou prejudicou seu trabalho e sua vida no lar durante o último ano.

- O governo fez alguma ação a nível local, regional ou nacional que tenha ajudado seu trabalho no último ano? O que se fez, quando aconteceu e como ajudou?
- O governo ou as autoridades locais fizeram algo que tenha prejudicado seu trabalho no último ano? O que foi feito, quando aconteceu, e como prejudicou?
- Sua organização de trabalhadores da economia informal o apoiou de alguma forma no último ano? O que foi feito, e quando aconteceu?
- Outras pessoas ou grupos mudaram sua vida de trabalho ou no lar durante o último ano? O que fizeram?

EXERCÍCIO DE CLASSIFICAÇÃO: (Intervenções políticas e ações para consideração)

Por favor, peça ao grupo que analise a velocidade com a qual a política ou investimento poderia ser colocada em prática

1. Medidas de Emergência

Programas de Alimentação (restaurantes populares e programas de alimentação – por favor, discutam que programas poderiam favorecer aos trabalhadores)

Programas em curto prazo de ajuda alimentícia para os trabalhadores e suas famílias, tais como os restaurantes populares, almoços escolares para as crianças ou preços subsidiados para alimentos básicos.

Programas de Emprego Temporário

Criação de trabalho em áreas temporárias tais como as obras públicas – para ajudar a criar renda em curto prazo durante tempos difíceis.

Programas de realocação.

Para deixar as ruas e entrar nos mercados (em geral, não necessariamente mercados municipais ou públicos).

2. Proteção social

Transferências de Renda

Pagamentos diretos e específicos em dinheiro para os trabalhadores e suas famílias, com ou sem certas condições – por exemplo, enviar os filhos para a escola regularmente ou levá-los a centros de saúde. Estas condições são estabelecidas pelo governo ou organização que oferece o programa.

Seguro

Programas especiais de seguro diseñados para vendedores ambulantes. Por favor pergunte al grupo como clasificarían las protecciones tales como: pensiones de vejez, discapacidad, beneficios de maternidad, salud y seguro de vida. (Por favor dé algunos ejemplos de estas protecciones si el grupo no está seguro).

3. Serviços sociais

Isenção tributária para o cuidado com a saúde e dispensas

Isenção tributária para educação e bolsas de estudo - Para os filhos dos trabalhadores

Creches

Ligações com o governo/representantes para os vendedores ambulantes.

Criação de uma ligação / representante para melhorar a informação e visibilidade dos vendedores ambulantes no governo.

4. Assistência Econômica

Programas de poupança

Para um lugar de venda que eles possam realocar no futuro

4.1 Emprego Existente

Empréstimos de baixo interesse – para atividades de trabalho

Empréstimos para trabalhadores para ajudá-los em seu trabalho e criar empresas. Este dinheiro deve ser devolvido.

Comercialização e apoio empresarial

Melhoras dos locais de trabalho – Tais como iluminação e banheiros públicos nos espaços dos mercados.

Acesso aos postos do mercado local.

Códigos básicos de segurança e saneamento nos locais de venda.

Dedução de impostos sobre produtos importados.

Parar a perseguição por parte da polícia e outras autoridades.

4.2 Novo Trabalho

Capacitação

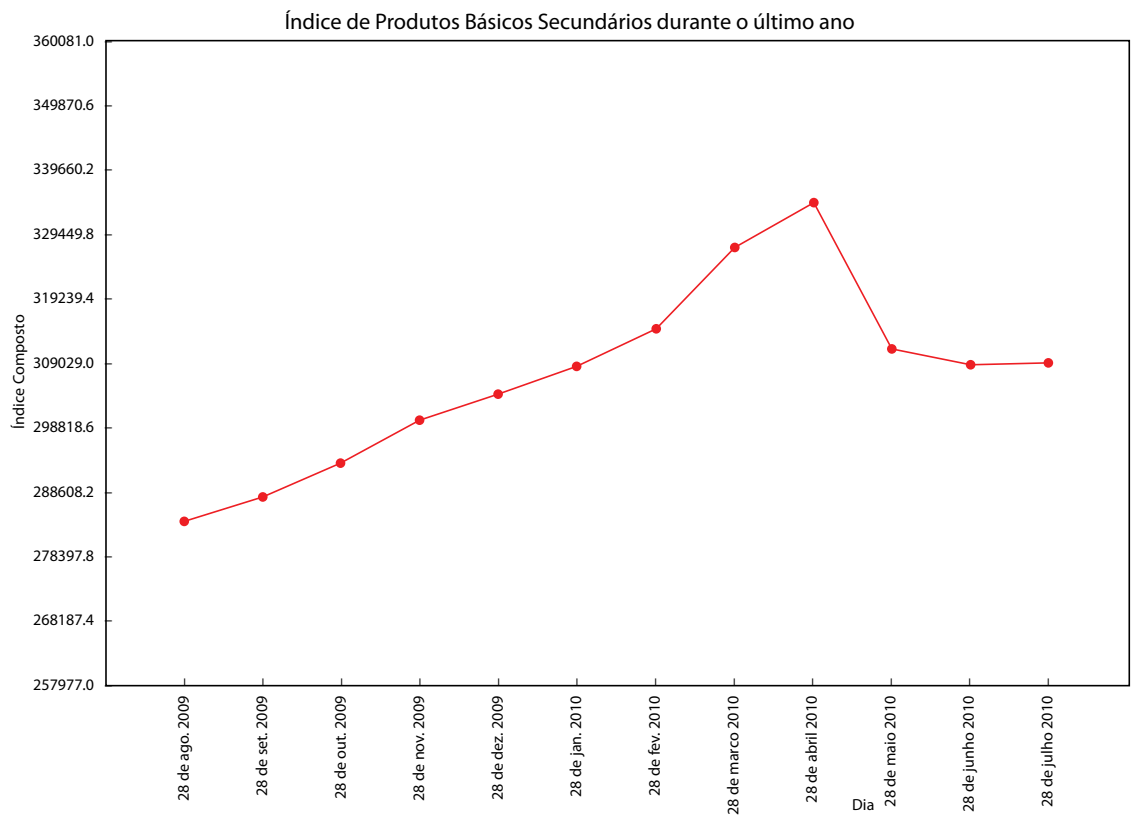
Por exemplo, para ingressar ou reingressar no mercado de trabalho ou capacitação específica para jovens.

Criação de trabalho e/ou Formalização

Capacitação Geral em Negócios para Vendedores Ambulantes

O governo e outras organizações poderiam proporcionar cursos e educação acerca do desenvolvimento empresarial básico, comercialização e administração de dinheiro.

Apêndice 4 – Índice de Preços de Materiais Recicláveis Compostos, 2009-2010



Fonte: Índice de Produtos Secundários.

http://www.secondarycommodity.com/cgi-bin/composite_prices.cgi?id=100009&num=4

O índice Composto de Produtos Secundários é um índice composto de 11 setores industriais dentro do mercado de materiais recicláveis (secundários). Os setores incluem metais ferrosos, metais não ferrosos, metais exóticos, resíduos e dejetos de papel, plásticos, têxteis, papéis recicláveis, produtos eletrônicos, minerais recuperados, materiais da calçada, resíduos de energia e sucata de automóveis.

Apêndice 5 – Perspectivas Econômicas e Trabalhistas

Estudo de Economias Seleccionadas: Variação percentual anual do PIB real e o desemprego						
	PIB real			Desemprego		
	2009	2010*	2011	2009	2010	2011
Colômbia	0.8	4.7	4.6	12.0	12.0	11.5
Índia	5.7	9.7	8.4
Indonésia	4.5	6.0	6.2	8.0	7.5	7.0
Quênia	2.4	4.1	5.8
Malawi	7.5	6.0	6.2
Paquistão	3.4	4.8	2.8
Peru	0.9	8.3	6.0	8.6	8.0	7.5
África do Sul	-1.8	3.0	3.6	24.3	24.8	24.4
Tailândia	-2.2	7.5	4.0	1.4	1.4	1.4

*2010 e 2011 são projeções. As cifras são elaboradas desde o FMI, perspectivas da economia mundial, outubro de 2010.



Cidades inclusivas

Essa pesquisa é um esforço colaborativo do projeto Cidades Inclusivas envolvendo a participação dos seguintes parceiros. Por favor visite o site www.cidadesinclusivas.org para ter acesso às páginas dos parceiros do projeto, ou caso esteja vendo este documento em PDF, pode clicar nos logotipos abaixo para ter acesso ao site dos mesmos:



Asiye eTafuleni (AeT)



Kagad Kach Patra
Kashtakari Panchayat
(KKPKP)



Fundação AVINA



Rede Latino-Americana
de Catadores



Federação de Vendedores
Ambulantes de Lima
(FEDEVAL)



HomeNet Indonésia



Sindicato para o Setor
Informal de Malawi
(MUFIS)



HomeNet Tailândia



Sindicato de Mulheres
Autônomas da Índia
(SEWA)



HomeNet Paquistão



StreetNet International



Aliança Nacional de
Vendedores Ambulantes
e Comerciantes Informais
do Quênia (KENASVIT)



Mulheres no Emprego
Informal: Globalizando
e Organizando (WIEGO)